

O POVO ESPOZENDENSE

ANIMAÇÃO INDEPENDENTE

HOMENAGEM AO DIVINO JOÃO DE DEUS

JOÃO DE DEUS



A breves dias que repousa no panteon dos Jeronymos, ao lado de Camões e Herkulano, o

cadaver inerte e hirto do divino Poeta, do dulcissimo rouxinol da poesia patria, do maviosissimo traductor do amor e do sentimento, do coração e da alma popular!...

E no entanto, o brado de dôr e sentimento expandido do amago da alma portugueza, ainda échôa como um sinistro dobre a finados, mostrando aos olhos da alma o pranto candente d'uma nacionalidade que chora um dos seus talentos mais pujantes, o principe do lyrisimo, o rei da emotividade e do sentimentalismo, que tanto nobilitou e engrandeceu a litteratura portugueza!

Divinissimo João de Deus! a luz radiantissima do teu éstro fulgura por de sobre esta nobre pleiade de corações sensiveis e emotivos, a illuminar a treva e a obscuridade, a fortalecer e a vigorisar as intelligencias carecentes de cultivo e as almas ciosas do bello e do bem!...

E tú morreste, extraordinario Poeta! mas para os que têm um'alma para sentir, vive a musica deliquiosa e emovedora dos teus versos, que prende e encanta, que fascina e arrouba!...

E para os que nunca elevaram um pensamento, uma ideia, ao azul immaculado do bello e do emovedor; para esses, perdurará a tua Cartilha Maternal, que lhes ensinará os filhos, evidenciando sempre o sublime protector do ensino e das creancinhas!

João de Deus, o bom e doce poeta do amor, em toda a sua sublime idealisação, principiou de viver para a immortalidade e para a Historia onde intercalado o seu nome luminoso e diamantino, endiademado de gloria, coberto das bençãos da Patria e aureolado pela luz fulgentissima e benefica accessa ante as creancinhas, que n'ella vão beber os rudimentos do ensino e haurir os primeiros alvares do saber n'essa obra sublime e humanitaria de que auctor.

Para os poetas, para os verdadeiros e genuinos poetas como Elle, como o divino lyrico; para esses que, no dizer de Garrett, veem, pensam, amam, sentem e crêem, como os outros homens

não pensam, não sentem, não crêem e não amam; para esses, foi este acontecimento uma perda irresarcivel, irreparavel, que lhes roubou o Mestre querido que idolatravam e estremeciam.

Para os que sabem lêr e compreender, foi como que uma devastação cyclonica que veio desabastecer o nosso vasto mercado das letras, de que Elle, o immortal Poeta, era o primeiro expositor.

Diz-se, e com visos de philosophia, que o homem vae e a obra fica.

Incontraditavel verdade!

A grandiosa obra de João de Deus ha-de sanar a fome de espirito e satisfazer o sentimento a muitas gerações.

Do que ficamos inhibidos, é de futuras e novas produções—se mais se pôde produzir—do eminente lyrico; do grande, do verdadeiro, do puro, do genui-

Quem escreve estas singelas e mal conduzidas notas, era pelo-Poeta Mestre um idolatra, um quasi fanatico!...

O Povo Esposendense, prestando hoje a sua homenagem, a sua consagração sincera ao Homem, ao Poeta e ao Pedagogo, honra assim a saudosa memoria de quem tanto engrandeceu a Patria.



DIZEM que morreu João de Deus, e forçoso è crel-o, com relação ao seu envolucro phisico, pois que todos apreçoam e lamentam o tristissimo successo, sem voz em

mortaes que lhe legaram, ou como que constellação deslumbrante, constituida por luminares de primeira grandeza, a cuja luz e calor a humanidade se illustra e se aquece, em ininterrupta adoração.

Aos aditos d'essa região, d'onde hoje e para sempre nos illuminará e aquecerá o grandissimo espirito e não menos grande criação de João de Deus, para que condigna portada o Pantheon dos Jeronymos, acompanhou-o um povo inteiro, em apothose não menos levantada, não menos assombrosa, que a que o mesmo povo lhe consagrara, ha menos d'anno, no dia do seu anniversario!...

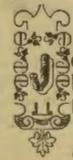
Consolam factos taes, coincidindo com as nossas recentes e honrosissimas victorias em Africa, e entusiasmo delirante e intimamente patriotico com que festejadas, da mesquinhez e ratinheria usual das cousas humanas, e fazem esperar que um povo que na decadencia a que arrastado tem arroubos d'estes pe- los seus filhos illustres, ainda poderá reviviscer.

Ao Povo Esposendense meu cordeal embora pelo preito que n'este n.º consagrado a João de Deus, presta á sua immorredoura memoria.

Barcellos, 21 de janeiro.

Rodrigo Vellozo.

JOÃO DE DEUS



João de Deus, um poeta, um bom, intellectualidade fulgentissima, coração diamantino!

Ninguém como Elle soube cantar tão sublimemente em accordes de uma harmonia inimitavel o sentimento da natureza, as alegrias intimas, as dôres profundas.

Lyrico, admiravelmente lyrico, unico nos seus cantares, salientou-se com notavel proeminencia dos poetas do seu tempo—não sacrificando a maviosa inspiração do seu genio á primorosa correcção dos seus versos.

Deve-lhe muito a Patria, deve-lhe muito o povo!

Portugal teve n'Elle uma gloria invejada por muitas nacionalidades, conservará d'Elle a memoria fulgentissima de um dos seus vultos mais eminentes.

O povo teve sempre n'Elle um amigo, que lhe deu o methodo de ensino mais racional até hõje conhecido, d'Elle usufruirá ainda os beneficos resultados da sua grande obra.

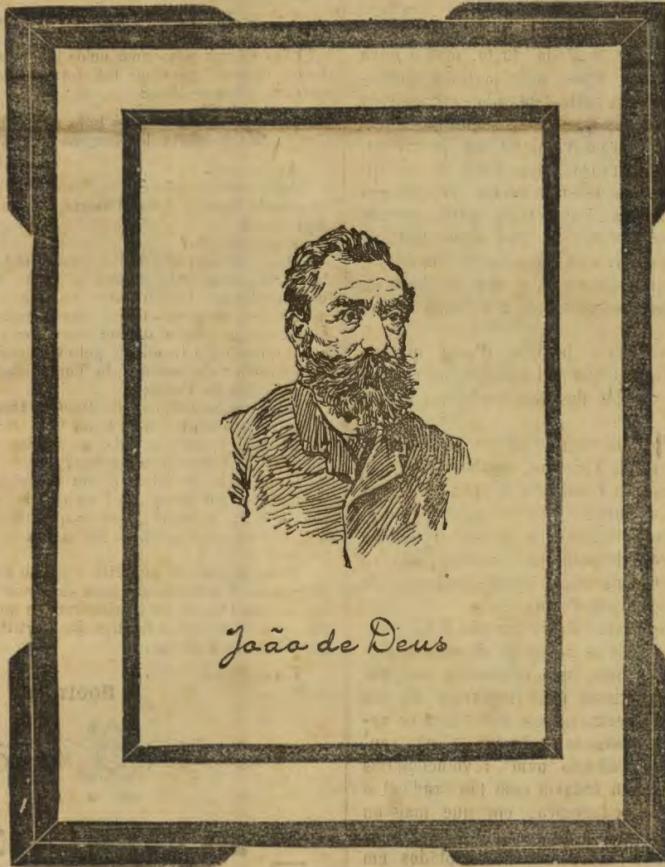
De quanto a Patria lhe quiz e do muito que o povo lhe deve, da altissima veneração do paiz, da immensa gratidão dos portuguezes, dizem eloquentemente—a homenagem de ha pouco, a consagração de agora—E' este o grande symptoma da boa alma portugueza—a espontaneidade de glorificação de todos os grandes épicos das sciencias e das letras!

Não necessita de melhor affirmação, de mais brilhante prova da alta valia da sua intellectualidade, um povo, como este que cumpre rigorosamente o seu mais sagrado dever civico ante o cadaver do mais glorioso e doce poeta lyrico, que:

..... Grande pelo saber, pujante no talento, à patria lega enorme um vasto monumento todo feito d'explores, circundado por lemma, em que o Bello perfilha como ridente aurora—a maternal «Cartilha», á luz do «Campo de flores». (A. J. Henriques).

Vianna, 17 de Janeiro.

Eugenio Martins.



João de Deus

no Poeta, que não obedecia a escolas, a fins, a convenções; mas tamsómente ao coração, ao sentimento liberto, desceivado, sem macula; sensibilizado e não affectado, commovido e não movido...

Deifica uma pleiade de sectarios de uma ideia o seu idolo, o seu deus, o seu primeiro membro ou o seu primeiro vulto; João de Deus deificou-se, glorificou-se em vida propriamente, não teve sectarios, teve corações que o escutaram, almas que o sentiram...

E é por isso que a alma de uma nação inteira prantêa com as lagrimas que vem do coração Aquelle que só á sua Alma e ao seu Coração deu expansividade

contrario, e visto que nas pobres linguas humanas outra expressão não ha, com que possa traduzir-se a restituição das partes corporaes de um ser á grande mole da materia, d'onde ellas sahi-das e aonde forçosamente tinham de voltar, por virtude de lei irrefragavel, para novas combinações e evoluções. Mor-te, porém, é essa, que não o aparta de nós, não o oblitera de nossa memoria, não o apouca e amesquinha em nossa veneração, e antes mais de nós o aproxima, mais querido nol-o torna, mais acrisola o culto de nossa immarcessivel admiração, pois desprendendo-lhe a alma luminosissima das fraquezas e feses inherentes á materia, a ala á limpida e serena região aonde se acolhem, após a vida terrena, cortada de contrariedades, privações e provações, os espiritos immaculados e radiantissimos, como que templo de luz em que recebem os tributos que a humanidade inteira perennemente lhes consagra pelas obras im-

CENTÃO CAMONEANO

João de Deus

..... trocou finita e humana vida
por divina, infinita, e clara fama,
..... que gentil louvor derrama.
(Soneto XXXVII)

Alma... gentil, que te partiste
tam cedo d'esta vida.....
..... eternamente,
(cá na terra sempre triste);
..... a dôr... me ficou
da magua—sem remedio—de perder-te,
..... que teus annos encurtou!
(Soneto XIX)

Uma só razão tenho conhecida,
com que tamanha magua se conforte:
—Que se no mundo havia hourada morte,
não podias vós ter mais larga vida!
(Soneto XII)

Vós, honra portuguezal.....
no heroico templo,
Clarissimo... João.....
a vós encheis de gloria, a nós d'exempli

Braga, 18 Janeiro 96.
O Decano do Lyceu,

Pereira Caldas.



JOÃO DE DEUS



Este nome é a um tempo uma litteratura inteira e uma philosophia completa; é mais do que isso, é a affirmacão superior do genio do povo portuguez—mystico e melancholico. As suas obras têm este alto cunho, privativo dos artistas de raça, verdadeiramente geniaes.

Era com justiça, que nacionaes e estranhos o capitulavam de primeiro lyrico da actualidade. Ninguem como João de Deus soube cantar melhor, n'uma inequalavel naturalidade de sentimento, o campo, o aroma das fôres, o puro azul dos céus, o murmuro dos arvores, o amor em suas mais altas e mais bellas manifestações; tudo, enfim, quanto é puro e bom.

Grande coração, formosissima alma, pujantissimo cerebro—foi uma individualidade tão alta, de tão larga envergadura, que só de per si bastaria a glorificar um povo, a synthetizar uma época. Dobrando o joelho ante esse bocado de gleba que acaba de esconder a nossos olhos rasos de lagrimas o corpo do Mestre que cantou as Flores do Campo, do grande Apostolo do bem que escreveu a Cartilha Maternal, o Povo Espozendense cumpre um dever, um sacratissimo dever. Em meio d'esta sociedade toda feita de egoismos e de maldades, este nome—João de Deus, já aureolado pela luz purissima da immortalidade, continuará a ser, hoje mais que nunca, um conforto e uma esperança para quantos sabem sentir e crêr.

M. Villas Boas.



JOÃO DE DEUS

Pendeste'egrégio vate, como um justo,
Nas sombras da morada sepulchral!
Teu êstro se apagou, mas immortal
Será na terra mãe o nome teu!...
Terás o amor aqui, a paz no céu,
Terás a engrinaldar-te a lyra d'ouro
As Flores que nos detes, esse thesouro
Que amamos com ardor, com fanatismo!...
—Morreste?... Mas que nunca vives hoje,
Sublime pensador, rei do lyrismo!

Porto, Janeiro de 1896.

Cunha Cardoso.



JOÃO DE DEUS

Prostrado sobre o leito da agonia
Despede o Poeta o derradeiro alento,—
Emquanto, ao longe, o mercencoreo vento
Lhe tace, soluçante, uma elegia...

Lá vem rompendo sobre a serra o dia,
Triste, enlutado, negro e pardacento...
E a Patria chora-o, n'um geral lamento,
—Como só por Jesus chorou Marial...

Cheias de espanto e mystico terrôr
As creancinhas, dando pasto á dôr
Que lhe vae na alma, gemem tristemente...

Emquanto além no pedestal da historia,
Seu vulto s'ergue entre os torredes da Gloria...
Como um ser intangivel, resplendental...

Vianna do Castello.

Alexandre Costa.



CASTILHO E JOÃO DE DEUS



consagração dos heroes, dos bemfeitores da humanidade, dos varões illustres por sua sciencia e virtudes é um dever de todos os que creem na regeneração social, mas que não esperam contemplativos que a felicidade dos povos venha directamente do céu, como uma especie de maná que sem trabalho se possa colher.

E' po risso que, de alma e coração, nos associamos à homenagem que a illustrada redacção d'este periodico se dignou prestar ao sublime poeta lyrico, que Portugal acaba de perder, re-produzindo aqui o que já n'outra parte escrevemos a proposito da merecida apothose, que ao glorioso extinto promoveu a classe academica, em março do anno preterito.

Posto que em Portugal a escola primaria não seja ainda devidamente apreciada e estimada como a primeira instituição social e base de toda a instrucção nacional; posto que a instrucção primaria, esta santa orphã, no dizer de Castilho, tão formosa e perseguida, não ocupe infelizmente ainda entre nós o logar de honra que lhe compete entre os povos cultos, que mais assidua e afanosamente trabalham pelo seu progressivo aperfeiçoamento intellectual e moral, não são por isso menos dignos do nosso respeito e admiração esses benemeritos das letras patrias, que mais teem contribuido para levantar o nivel intellectual das classes populares.

Dos grandes vultos que entre nós mais se teem assignalado n'essa nobre cruzada de combater as trevas, diffundindo a maxima profusão de luzes, nenhum excedeu, nem egualou, até hoje, os eminentes poetas, Castilho e João de Deus, tão admiraveis e assembrados pelo seu peregrino talento poetico, como pela clarissima intuição pedagogica com que iniciaram e levaram a cabo, a travez de mil difficuldades, uma reforma completa na arte difficil de ensinar a ler.

Desde João de Barros, que compozera uma cartilha para o ensino da leitura, até o meado do presente seculo pouco ou nada tinha progredido entre nós a arte de ensinar a ler.

Foi o insigne poeta Antonio Feliciano de Castilho quem com o seu Methodo portuguez teve a gloria de levantar a grande questão methodologica do ensino. Entre elle e os sectarios dos roneiros processos antigos, que o novo Methodo combatia, travou-se renhida lucta, mas a nova doutrina triumphou após uma pertinaz propaganda, e em grande parte tem sido aproveitada pelos methodologistas que se lhe seguiram.

Dado este passo no caminho do progresso, uma aurora de esperanças raiou para a instrucção popular; e pouco depois surgia simultaneamente nos horizontes da litteratura patria e nos templos escolares da infancia uma nova estrella de fulgor intenso. Era o glorioso e immortal João de Deus que vinha com o seu methodo de leitura completar amorosamente a reforma da escola primaria.

E' a luz radiante e benigna d'essa estrella sorridente e propicia que as intelligencias em botão estão actualmente desabrochando aos milhares.

Castilho e João de Deus, ambos diplomados pela Universidade de Coimbra, ambos poetas de primeira ordem, um revelando a par de raro engenho a mais acurada cultura classica; outro sublimando inspiradamente a poesia lyrica ao mais elevado grau de perfeição esthetica, são ao mesmo tempo os gloriosos evangelisadores da nova lei pedagogica em Portugal.

Dedicados apostolos da instrucção e da educação popular, vendo-se no meio de uma sociedade quasi analfabeta, que não sabia nem podia apreciar as preciosas joias litterarias do seu divino estro; não hesitaram em arcar com os velhos e rotineiros processos do ensino, e, não sendo pedagogos de profissão nem revolucionarios irrequitos, operaram todavia essa tão radical e fecunda revolução pedagogica, em que mais ou menos directamente se teem inspirado todos os methodos hodiernos, recentemente adoptados em as nossas escolas.

Estes dois grandes benemeritos da educação nacional formam com D. Antonio da Costa, o entusiasta propugnador da instrucção popular, o sublime apostolado que entre nós fervorosamente advogou e emprehendeu a regeneração social pela escola, e até hoje ninguem se dedicou com mais ardor do que elles a essa santa e nobilissima cruzada.

Mas o que ainda mais realça e engrandece a obra civilisadora de tão prestimosos protectores da infancia é a somma de dissabores amargos, que o aferrado espirito da rotina lhes fez tragar; é a costumada e iniqua hostilidade ás ideias novas, com que tiveram de arrostar; é, enfim, toda essa serie de contrariedades e obstaculos que, como innovadores, tiveram de superar para fazer triumphar a causa da instrucção e do progresso.

Essa contenda porfiosa faz lembrar a lucta que Colombo, o sonhador de novos mundos, teve de travar com os impugnadores das suas ideias para levar a cabo, como arrojado navegador, a audaciosa empreza que, como erudito cosmographo, havia planeado.

Como Colombo, os illustres methodologistas portuguezes triumpharam, e o seu triumpho não foi certamente menos importante para a pedago-

gia nacional, do que o do descobridor da America para a sciencia geographica.

Castilho e João de Deus foram, pois, para a escola primaria, o que Garrett foi para a restauração do theatro nacional e Herculano para a renovação dos estudos historicos em Portugal. Cada um legiou na sua especialidade, e para a execução das suas leis não foi precisa a sancção regia, porque ellas traziam o cunho do talento privilegiado, que é a suprema sancção humana das leis que regem os espiritos no campo das sciencias e das letras.

D'entre as summidades litterarias do nosso paiz no seculo actual, Herculano, Garrett, Castilho e João de Deus são os mais dignos e illustres continuadores da grande obra de João de Barros, Camões e Gil Vicente, sob o triplice ponto de vista historico, lyrico e dramatico, e até sob o ponto de vista pedagogico.

Mas João de Deus distingue-se de todos esses grandes vultos como pedagogo e como poeta. Como pedagogo primacial accendia e vivificava as intelligencias, aquecia e fecundava os espiritos; chamava a si os pequeninos tão amorosamente como Jesus, e não só lhes impregnava os tenros corações do perfume da virtude, como lhes coava nos cerebros alvarescentes os primeiros raios da luz. Como poeta foi o supremo cultor da poesia lyrica na sublime e divina idealisação do amor.

Genios d'esta grandeza, cidadãos que assim honram e ennobrecem a sociedade em que vivem; filhos que tanto illustram e exaltam a sua terra natal, immortalisando com o seu nome o nome da patria, tornam-se dignos das maiores homenagens que não só os seus concidadãos, mas ainda a humanidade inteira, lhes possam prestar como preito de admiração e tributo de gratidão.

Barcellos—20—1—96.

M. S.



JOÃO DE DEUS

Foi uma fulguração brilhante que passou n'esta vida que é, como o poeta disse:

ai que mal sôal

Era de Deus e para Deus voltou, como disse o ex.mo e rev.mo Arcebispo d'Evora.

Mas na sua passagem pelos horisontes da existencia esse AI souu por tal forma, que, como asoverou o nosso épico:

O SABIO não vae' todo á sepultura
Na memoria dos homens vive e dura.

Assim sorá.

João de Deus não é simplesmente portuguez: é do mundo inteiro, é da Historia, é... ia a dizer do Agiologio!

E porque não?

Quem soffreu como elle, quem cantou como elle, quem como elle escoou a vida espalhando o bem a flux por toda a parte, publica e particularmente; sem pretensões, sem alarde, unicamente para satisfazer ao pendur da sua alma, sempre candida como quando foi insuflada pelo Creador, depois de bom merecer da patria e da humanidade, não deve estar longe do Paraizo.

O que se ha-de dizer de João de Deus que se não tenha já dito em todos os tons? Que nova fibra se ha-de fazer vibrar, se todas as celulas de todos os corações já foram emocionadas?

Como se ha-de fallar d'esta individualidade pujante, que, por mercê da Providencia, veio ser, no seculo XIX, a segunda balisa que affirme ás nações a vitalidade portugueza, e lhe marca o caminho do progredimento?!

Tudo quanto se tem dito é pouco; tudo o que se pode dizer é insufficiente para exprimir o valimento de João de Deus e os sentimentos de amor e gratidão que, para com o Author da Cartilha Maternal, nos invadem a alma...

Elvas 20—1.—96.

Soeiro de Brito.



MONSÃO, 22—1.—96.

Estas linhas de Saint-Pol-Roux, paraphrascando o apophthegma de Goethe:—A verdadeira poesia eleva-se acima do mundo sem o perder de vista.— D'ora em deante, o poeta terá o direito de cantar, á sua hora do cysne, que um universo se extingue com a lampada dos seus ossos. E os seus discipulos deverão deital-o devotamente no tumulo, e, assim como outrora se collocava um animal de marmore aos pés d'um morto illustre, collocar um globo symbolico aos pés do adormecido divino.—

João Verde.



João de Deus, essa luminosa existencia que tanto e tanto enalteceu a litteratura patria d'este seculo, apagou-se para não mais se accender!

Morreu! mas o seu nome, jazará eternamente no coração de todos que o admiraram como homem, porque nenhum como elle tão bem soube comprehender os sorrisos e as lagrimas das innocentes creancinhas, e como poeta porque na lyra da sua alma, encontrava-se sempre uma delicadeza, uma suavidade de expressão que nos encantava.

Descança, pois, em paz, Mestre! E se n'essa vida eterna se consente o véres as lagrimas d'um coração que verdadeiramente te admirou, recebe-as como a mais humilde homenagem d'um dos teus dedicados e humildes discipulos.

17—1—96.

THEODORO SOARES.

JOÃO DE DEUS

João é um nome, é um symbolo; não é uma ideia, é uma synthese; não um coração mas todo um sentimento; não um poeta, mas toda uma poesia. Um homem uma raça. Alma em tudo. Coração sobre tudo. Tradicionalidade. Creação.

Morreu em João de Deus o homem que era o maior dos portuguezes, porque a sua obra, por si só, representa a grande corrente da alma nacional, e o maior dos poetas, porque a sua lyra modulava todas as dôres e todas as alegrias do nosso coração. Lyra inspirada na tradição ethnica da poderosa irradiação poetica que nos veio do sul da Franca pelas vigorosas fôrmas trobadorescas gallezianas, João de Deus, pela profunda comprehensão do sentimento realizado com uma simplicidade que encanta ainda mais do que a sua naturalidade, é o sublime capitel d'essa columna incomparavel onde se destacam os altos relevos do Vasco Pires de Camões, o terceiro ou quarto avô do nosso grande épico, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão e tantos outros.

A alliança da philosophia com a poesia, base em que assenta a comprehensão humanitaria do ideal do seculo desenove, não encontrou em João de Deus a sua manifestação pratica, como encontrou em Byron, como encontrou no grande Hugo. Aqui é que está principalmente o homem portuguez, o homem raça, o homem-nacionalidade. O genio turbulento e profundamente sentimental do typo peninsular, esse genio que deu á lyra de João de Deus a inequalavel suggestão das sublimes composições de Coimbra, são um elemento que radica fundamentalmente a tradicionalidade da poesia popular portugueza e que tem, por assim dizer, em si, a caracteristica segura de um determinismo historico.

No entanto, João de Deus, não é o homem velho, o homem que procura no dogmatismo da crença, a unica determinacão da unidade sentimental. Se a sua alma verdadeiramente poetica não retratou a physionomia politica do ideal artistico, iniciado pelo seculo desenove, em toda a sua extensão humana; se não banhou a inspiração n'essa immensa onda avassaladora que traz em si, n'uma sagrada communhão de affectos, as aspirações de todas as raças e que, no seu marulhar profundo, traduz eloquentemente o gemido abafado que sae das ruinas historicas de mil gerações mortas, o seu coração incomparavel, urna divina de affeições e de bondade, berço sublime onde embalou as mais puras crenças de regeneração nacional pela educação, soube dar-nos, em um simples livro, acto de um só instante que é o acto de uma vida inteira, o grandioso exemplo de quanto a aspiração humana se pôde concretisar n'uma unica alma, de quanto o soffrimento universal se pôde traduzir n'um simples grito de dôr:—A Cartilha Maternal.

E a luz que se sobrepõe á treva, como um farol que se colloca sobre o rochedo espantado da costa para allumiar o desorientado barco, ao longe. Esse pequeno livro é o romance de uma vida inteira, com todas as suas inquietações, modalidades, pesares, sonhos, desesperanças, affectos; é a sublime arremetida da noite para a aurora, do soffrimento para a liberdade; é a dôr que implora e pede que a ouçam; é o grande rebanho dos pequeninos que pede á poesia uma canção e uma lagrima e ao poeta uma candeiia para tactear o futuro; é João de Deus o poeta, que dá o braço a João de Deus o homem.

O objecto dos seus sonhos, a esperança que lhe sorriu amoravel em trinta annos de lucta, foram esses pequenos entes, as creanças, essas avesinhas que esperam no recesso do seu bosque, na sua ignorancia, o desponstar da madrugada para desferrarem seus cantos; foram esses anjos condemnados á grilheta de um ensino rotineiro e estúpido, amando o dia sómente por lhe descobrirem uma restea a travez do seu carcere-escola, amando as avesinhas, suas irmãs, sómente por lhe ouvirem uns cantos iguaes áquelles que a sua alma quer e não pôde desferrir, amando, por instincto, a grande Natureza, fecunda e vasta, que lhe dá as suas borboletas e os seus perfumes.

Na alma d'aquelles milhares de creanças, que acompanharam, innocentes e castas, inconscientes e meigas, sem saber mesmo o que faziam, o involucro mortal do grande genio ao pantheon da immortalidade, devia de andar um anjo cantando um hymno de uma bondade immensa e espalhando, n'uma alvorada triumphante, por sobre os seus destinos, as petalas d'aquellas amadas fôres que engrinaldaram a vida de um homem que deu, transformado em luz, parte do seu coração aos futuros elementos da familia portugueza.

Porto, 17—1—96.

J. M. d'Oliveira.



Camões e João de Deus

A Bulhão Pato

Contraste singular! Camões, agonisante,
Ao vér que a nossa gloria ao longe se definha,
Fita Alcaacer-Kibir, e exclama n'esse instante;
Morro, ao menos, contigo, ó patria, ó patria minha!

Agora João de Deus, seu successor e herdeiro,
Ao ver a nossa gloria em Africa implantada,
Bem podia dizer, no instante derradeiro;
Tu vives, quando eu morro, ó patria, ó patria amada!

Castello do Portozello,—15—1—96

Sebastião Pereira da Cunha.



Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser homem, disse o padre Vieira: João de Deus justificou a phrase d'aquelle outro grande portuguez.

Chegou á gloria sem atropellar direitos de ninguem; tendo talvez jus a isso, nunca pediu justiça; não levantou injeças, nem suscitou rancores.

Por isso morreu consagrado. Foi simples e foi bom.

Assim,

...passou... morreu!

Armando Navarro.

SONETO

Como adormece a pequenina ave
Pondo a cabeça ideal debaixo da aza,
—Urna cheia de luz, immensa, rasa,
Darma o teu coração, meigo e suave.

Possa a tua alma, esvoaçando grave,
Nas volutas altivas d'esta casa
Ungil-a bem, no puro amor em braza,
Que ora em teu peito a luminosa chave.

Sejam de amor estes sagrados portos,
Paire a tua alma pela nave immensa,
Amem-se bem os nossos grandes mortos;

Santifiquem a luz d'esta alvorada,
Amparem bem esta manhã intensa,
Dêem-nos alma grande e fé sagrada.

LUIZ OSORIO.



ADEUS

Estromecem como n'uma convulsão de dór os salgueiros corcovados e as oliveiras cinzentas, chora uma corda das guitarras n'um instantaneo soluço de amargura,—é a alma de João de Deus que passa pela ultima vez para dizer adeus ao Mondego, ao Penedo da Saudade, á Lapa dos Esteios, á Fonte das Lagrimas, á bohemia de Coimbra, que elle amou e o amaram.

E a alma do poeta, subindo no azul, para a eterna luz, vai repetindo saudosa:—«Adeus, adeus.»

Alberto Pimentel.

O poeta tinha uma resignação verdadeiramente apostolica. Natureza excepcional em que os defeitos, todos contra a propria pessoa, eram excedidos pela somma das suas virtudes.

Na sua apothese, em 8 de março do anno findo, todo o paiz acompanhou as escolas. Ninguém achou de mais nem menos. Quando nos recordamos d'essa manifestação ficamos consolados por se lhe haver mostrado o grande apreço que merecia.

O seu funeral, á custa da nação, mostrou como a grande força espiritual e o enorme poder moral se impõem. É uma das grandes forças que ha no mundo.

Esta unanimidade honra a todos.

Theophilo Braga.



LUIZ DE CAMÕES E JOÃO DE DEUS

(o grande épico e o grande lyrico)

Em 1580, no anno em que a patria perdeu a sua independencia e foi victimada pela usurpação castelhana, morreu o grande épico Luiz de Camões.

Em 11 de janeiro de 1896, quando os academicos percorriam as ruas de Lisboa, soltando vivas á patria, e quando se entoavam hymnos pela victoria dos nossos soldados em Africa, morria o grande lyrico João de Deus.

Fatal data:—11 de janeiro!
Não bastava marcar o insulto inglez, não bastava marcar a queda moral do estadista Marianno de Carvalho, assignala tambem a perda do poeta de coração que, ao som dos vivas á patria, subia á sua ultima patria como elle diz n'um dos seus ultimos versos:—«a patria é o céu.»

João de Deus foi mais feliz do que Luiz de Camões.
Luiz de Camões viveu despresado e morreu quando a patria agonizava, João de Deus teve em vida uma homenagem merecida e morreu quando a patria sorria.

ALEXANDRE LUIZ DA COSTA.

Tem-se dito e escripto de João de Deus tudo quanto o entusiasmo pelo talento provoca. E de facto João de Deus era um genio.

Mas não é com justiça que se afirma que depois de Luiz de Camões, nenhum vulto brilhou no horizonte da nossa litteratura poetica.

Esquecer Garrett, o grande poeta dramatico, o auctor do *Alfageme de Santarem*, esquecer Bocage, o *Elmano Sadino*, é grave injustiça.

Ainda assim estas manifestações feitas ao Mestre, ao grande lyrico, ao homem de bem, mostram que com estas homenagens nada mais fizemos do que adiantar o relógio que marca o progresso da nossa civilisação.

F. T. Xavier Marques.

De Deus tinhas o nome e a Deus voltaste agora;
Espírito celeste, ouve do céu os hymnos:
Pranteia-te a nação, a infancia por ti ora,
Poeta sem rival e amigo dos meninos.

ARCEBISPO D'EVORA.

A SUA LYRA

Lyra divina,
De fino ouro.
Lyra p'regrina,
Raro thesouro.
Lyra tão bella
Brilho d'estreilla,
Coberta a louro.

Lyra tão doce,
Lyra d'Orpheu,
Como se fosse
Vinda do céu.
Lyra querida
da sua vida
do peito seu.

Lyra singela,
lyra d'amor,
meiga tão bella,



lyra da dôr.
aveliberta,
joia d'offerta
do Creador.

Lyra que brilha,
Lindo ornamento.
Lyra que é filha
do sentimento.
Suave lyra,
Alva saphira
do firmamento.

Lyra d'anil
da amplidão.
Lyra d'abril
iuda em botão.
Lyra mui alma
vinda da Alma,
do Coração.

Alvaro Pinheiro.

ANANDA MAHARAJA

A flor delicada pendeu para a terra: o aroma delicioso evolou-se para Deus.

Se á terra foi restituído o que lhe pertencia, librou-se para o Céu na aza da inspiração uma alma pura, que deixou insculpidos com caracteres de oiro na litteratura d'esta nossa patria, o seu nome glorioso.

D. Francisco de Noronha.

SONETO

Dorme e repousa, coração gelado,
Alma feita de luz e de poesia,
Espírito do bem que ninguém via,
N'esse frio sepulchro conservado!

Não mais o Sol que ao teu altar sorria
Virá beijar-te o corpo abandonado;
Não mais á noite pelo azul 'strellado
Irás buscar a doce phantasia!

Morto, enterrado em Vida! Alma captiva,
Soffres agora a pungitiva dôr
D'um captiveiro á liberdade altiva!

Roubaram-te ao teu sonho: a Primavera
E deram-te, por premio a tanto Amor,
A mortalha de pedra mais austera!
Lisboa, 16—1—96.

Augusto Forjas.



A JOÃO DE DEUS

O nascimento a todos é igual. As boas obras, o assiduo laborar, fazem os homens distintos.

E é a um d'esses que hoje venho prestar o meu preito; ao grande pedagogista, ao eminente poeta lyrico, ao mestre dos mestres, ao symbolico João de Deus.

Não precisa uma mediocridade como eu, colorir o que foi esse vulto, pois todos o sabem e todos conhecem o monumento que elle erigia á infancia—*A Cartilha Maternal* e o *Método de Escripção*.

De todos é conhecida a sua extasiante lyra, composta de tres cordas—*Amor, Natureza e Deus*, e que se singularisa em uma só—o Amor, esse Evangelho de todos quantos tem coração.

E senão... que o diga essa genuina apothese de 8 de Março de 1895, a *Cartilha Maternal*, o *Campo de Flores*...

Que o digam as cem mil pessoas que o acompanharam da basilica da Estrella ao Pantheon dos Jeronimos...

Que o digam esses seis mil estudantes e essas innumeradas corporações que ledearam o seu cadaver até junto das ossadas de Camões e Herculano...

Que o digam os grandes oradores que juntos do sarcophago compararam-o a Victor Hugo, a Camões e a Herculano; que o capitularam de um justo e um santo, que o elevaram em pensamento até ao empyreo!

Que o digam os grandes prosadores e poetas; os que teem o dom da elegancia e o estylo suave da poesia...

Que o diga, enfim, o auctor das *Sonancias*—Alvaro Pinheiro—n'estas duas estancias, impregnadas de lyriamo:

Eu leio com unção o mysticismo
Das crenças pueris que Elle decanta,
Nos versos repassados de lyriismo,
Nas trovas repignas que a Musa canta.

E admiro os pensamentos condensados,
O sentir que Elle infunde. A vibração
Que tão bem fêre e tira dos trinados
na harpa do coração.

Gloria a João de Deus!

A. S. Montenegro.

AO MORTO

As grandes obras são, sem duvida, as lapides immorredoras dos grandes genios.

A alma portugueza foi ferida profundamente no meio de suas brilhantes festas, pela lugubre noticia da morte

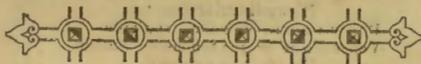
do grande poeta lyrico, do eminente genio da Renascença, do pae intellectual das creancinhas—João de Deus.

Desde a mocidade alegre das escolas até ao ancão alquebrado pelos annos e trabalhos, todos incorporados, prestam homenagem a esse espirito fulgurante do presente seculo.

O Povo Espozendense, dedicando o presente numero á memoria do tão illustre portuguez, acompanha o paiz na dôr que o punge, e desfolha no ataudão do Mestre as flores vigorosas da saudade.

Necessidades, 23—1—96,

C. G. V.



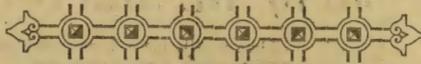
JOÃO DE DEUS

Além d'um bom, era um justo.
Possuía o dom, a rareza
de cantar a Natureza
e de amar o Deus augusto.

Um dia, após oração
que lá no Céu se ouvia,
Disse Deus. *Toma esta lyra,*
dom João.

Affez-se logo o cantor,
da lyra ao som que feria
a cantar com melodia
o Amor, sómente o Amor!

ALVARO PINHEIRO.



NA MORTE DO MESTRE



Morreu João de Deus! evolou-se até ao seio do Altissimo este homem que consubstanciava em si uma litteratura inteira, todo um poema d'amor, toda uma epopeia do bondade! Morreu João de Deus!

E eu ao escrever este artigo de sentidissima saudade, de uma atrophiante tristura, sinto-me tam pequeno, tam pequenino como se um atomo tivesse de escrever de um mundo!

Morreu João de Deus! Não, não, João de Deus não morreu, porque não podia morrer!

Quem ha ahi que possa dar credito a essa noticia espalhada por toda a parte pela potentissima voz da imprensa? Ninguém.

Mas a verdade, a terrivel verdade impõe-se, subjuga-nos e temos de acreditar na realidade.

João de Deus morreu, mas a sua memoria será eterna na saudade dos povos, a sua lembrança será duradoura, porque não se pôde acreditar que na alma nacional de um povo como o portuguez, adormeça, jamais, a memoria de um homem que a fez respeitar lá fóra, de um homem que foi o seu poeta mais divino e maior que appareceu depois de Camões.

Morreu João de Deus! e o coração do verdadeiro portuguez obumbra-se com os crépes do lucto, a alma confrange-se n'uma tristura infinita e o espirito opprime-se n'uma saudade inconsolavel.

João de Deus não morreu, apesar do seus ossos repousarem ao lado dos suppostos ossos de Camões e dos de Herculano, nas soberbas cryptas dos Jeronimos! João de Deus não morreu, porque é impossivel que Deus queira rou-

bar, um a um, todos os nossos grandes homens! Hontem lá foram Latino Coelho, Camillo e Oliveira Martins, hoje morre um homem que, só elle, valia por esses todos!

A memoria do Mestre será eternamente de todos, emquanto existam as suas poesias, viverá sempre na alma das creancinhas e viverá na nossa que tambem já fomos creancinhas!

João de Deus morreu! dizem-o os sinos no seu *dlan*, *dlan* funerão, dil-o toda a imprensa nos seus artigos, abandonando as dissensões politicas, avergando as suas bandeiras, perante o grandioso feretro do homem honrado, do trabalhador honesto! dizem-o as palavras eloquentissimas dos seus amigos, que com os olhos marejados de lagrimas lhe deram as despedidas á beira-tumulo, destacando-se por entre elles, como astes de primeira grandeza, o verbo eloquente e unico de Antonio Candido!

João de Deus era um sancto não era um homem, era um trabalhador honesto e honrado, era um poeta divino, e por isso morreu pobre.

E, é por isso que vemos este consenso geral, de uma nação inteira, os ignorantes á disputa com os intelligentes, e os grandes e os pequenos, os homens e as creancinhas vergarem-se, chorando lagrimas de magestosa saudade deante do cadaver do sancto, deante do cadaver do Mestre! e cobrindo-lhe o caixão de *bouquets* das florinhas do Campo, que elle tanto amou!

E, por isso, que toda a academia, reverente e saudosa, toda a academia, que ainda ha bem pouco, lhe fizera a apothese em vida, lhe foi prestar a homenagem a mais eloquente, o preito o mais significativo, a romaria a mais altisonante e até hoje nunca vista!

E, é por isso que hoje a minha penna se cobre com o lucto da saudade, ao lembrar a tua vida, ó meu poeta mais querido, ó auctor da immortal *Cartilha Maternal*, por onde eu apprendi a balbuciar as primeiras lettras!

Descança em paz, ó incomparavel poeta!

Descança em paz, ó honestissimo e inconcusso philosopho!

Descança em paz, ó sancto!

Esposende, 13—1—96.

Xavier Vianna.



NA MORTE DO POETA

Partindo para os paramos distantes
Deixou todo o paiz em dôr chorando!
Oxalá que, como disse aos estudantes,
Nos podesse escrever com lá chegando...

Se a promessa do poeta se cumpria,
Se elle do somno eterno despertasse,
Que poemas de luz e de harmonia
Deviam ser as cartas que mandasse!...

12—1—96.

ALBERTO BESSA.



Souza Ribeiro, o mimoso poeta dos *Crystaes*, obrou um telegramma á esthetica d'essas deliciosas quadras, e enviou-o á extremosa Esposa do morto illustre:

Que do céu nos escrevia,
disse-o Elle, anno passado,
Mas, tão cedo, quem diria
ver-se o facto consumado?!

Ah! mas... se elle era de Deus,
como q'rias tel-o cá
a soffrer?... Levont'-o Deus,
que tambem o adorará.

E que o pranto, que hoje desce
por sobre o «Campo de Flores»,
suba aos ceus como uma prece
que suavise as tuas dôres!



NA MORTE DO POETA

Espírito de luz e d'esperanças,
meigo cantor.
Divinissimo mestre das creanças,
anjós d'amor!...

Choram, coitadas! as meigas florinhas,
Vive agora esta Patria tristemente
Na dôr, carpindo a perda, amargamente,
Do pae espirital das creancinhas!...

Silva Vieira



Finou-se o illustre poeta,
Sublime cultivador;
Que trabalhou com ardor
Instruindo as creancinhas;
Esse talento fecundo,
Esse espirito brilhante,
Que com seu labor constante
Mimoseava as florinhas!...

Não se vê nenhuma estrella
Brilhar no espaço do ceu,
E da noite o negro veu
Causa pavor e tristeza;
Deixou d'existir um genio,
Perdeu-se um alto talento,
Tão infausto passamento
Entristece a natureza!...

São horas tristes... silentes...
Cessa oh lyra o teu trinado!
Envolto em crepes o prado
Murcham e seccam as flores;
Das estrellas cesse o brilho,
Deixe a lua de surgir...
E deixe o sol de expargir
Os seus raios de mil côres!...

Tributo aos restos mortaes
Do mestre laborioso
Do poeta glorioso
Que na nossa ideia existe;
N'estes momentos fataes
Curvo-me ao pezo da dôr,
Morreu o cultivador—
Alma gentil que partiste!...

Não, não ha alguém que esqueça
Esse talento profundo,
A admiração do mundo
O vate João de Deus...
Era um estro luminoso,
Um peito cheio d'esp'ranças,
Muito amigo das creanças,
Extremoso pelos seus!...

Compõe-se a vida d'enganos,
E quanto custa o viver!
E' illusão o prazer...
A vida é luz frouxa e baça...
Nas horas de regosio
Elle dizia aos filhinhos,
Enchendo-os de mil carinhos:
«A vida é fumo que passa!...»

Fallou da dhalia e da rosa,
Da açucena e do jasmim;
Cultivando o seu jardim
Gosou dias de ventura;
Vata q'rido, enternecido,
Cheio de louros e gloria!
Na nossa grata memoria
João de Deus! vive e dural!...

Todos pagam o tributo
Da tão negra lei da morte...
Todos têm a mesma sorte
(Sem escolha...) tarde ou cedo...
Siga o sol a sua orbita
Sumindo-se no horizonte...
Que d'humilde eu curvo a fronte
A tão divino segredo!...

Eu choro, cheio de magna,
Essa morte prematura,
Perdemos na desventura
Um cultivador sincero;
Abafe a lyra os trinados,
Façam estrondo os meus ais!
Do vate os restos mortaes
Humildemente os venero!...

Lisboa, 15—1—96.

Manoel da Cruz.



SONETO

Pranteia, ó lyra triste, amadas cinsas!
O digno de chorar-se as musas chorem!
BOCAGE

Quando a criança passar
P'la campa de João de Deus,
Curvando os joelhos seus,
Ha de na terra ajoelhar;

A fria lage beijar,
Erguer os olhos aos ceus,
Do santo amor os tropheus
Em preces d'alma cifrar.

Se fôr em tempo de flores,
Todo o ar embalsamado
Será por dôces olores;

E o vento, tendo passado,
O ecco de beijos-amores
Ha de guardar... bem guardado!

J. I. Araujo.



A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS

A Cartilha, obra d'arte,
e de amor—os versos seus,
na fama que se comparte,
são hoje por toda a parte
gloria de João de Deus.

Antonio José Henriques.

SONETO

Foi Elle, João de Deus,
a perfeita creatura,
que o hymno d'amor cantou
em linguagem doce e pura.

A Cartilha Maternal,
obra santa, rutilante,
as creanças transmittiu
o raciocínio, n'um instante!

Candido, meigo, como ellas,
n'um olhar as attrahia,
n'um beijo as tornava amigas,
e n'um sorriso as prendia...

Vidigueira—1896.

P. Sequeira.



A JOÃO DE DEUS

12—1—96

Clamores juvenis da tua apothese,
D'envolta co'o vozear da populaça,
Eu julgo ouvir lá fóra
Como se fóra n'este mesmo instante,
Como se fóra agora.
E eis que o teu cortejo triste passa
Entre as alas do povo soluçante.
Oh! cruel metamorphose!

Comparsas inda os mesmos, e o scenario,
Contraste inexplicavel! mais brilhante.
(Serenó e calmo o ceu)
Não quis o sol unir-se á juventude
N'aquelle triumpho teu,
P'ra vir agora em galas, radiante,
Vencendo as negras tabuas do atáide,
Dourar o teu sudario.

E assim devia ser p'ra quem vivêra
De flores e d'amores só cuidando.
Em justo festival
Prestou-lhe preito o sol da mocidade;
E, agora, em seu coval
Os raios, que o Sol ardente vem jorrando,
Em luz vão guiando á immensidade
Quem tanta luz nos déra.

V.



A' SENTIDA MORTE DO EMINENTE POETA

JOÃO DE DEUS

«Alma gentil, que á firme eternidade
subiste clara e valorosamente,
cá durará de ti perpetuamente
a fama, a gloria, o nome e a amizade.»
Camões = Soneto CCXXIX.

Extinguiu-se de vez aquella alma dilecta
que tanto a patria honrou, como grande poeta
firmando o Genio e a Bondade:
João de Deus—a Idéa—o Pensamento novo,
que foi como que a gloria e prodigio do povo,
o amor da mocidade.

Espirito fecundo, immenso e não vulgar,
jámais alguém, melhor do que elle, soube amar
por dever de condição,
em tudo com ardor—esses pequenos seres,
para quem escreveu de «Filhos» os «Deveres»,
dignos de consagração.

Alma nobre, e de mais aberta em peito amante,
no diffundir do bem—poderosa e gigante,
de virtuosa consola.
pois nunca pelo rise—a mesquinha vaidade
fes com que elle, esquecendo a boa Caridade,
fizesse alarme da esmola.

Grande pelo saber, pujante no talento,
á patria lega enorme um vasto monumento
todo feito de esplendores,
circundado por lemma, em que o Bello perfilha
como ridente aurora—a maternal «Cartilha»,
á luz do «Campo de flores».

E' por isso que hoje é profunda a dôr que opprime
do povo—o coração—que sabe, sente e exprime
o seu doloroso mal!
Que chora, lamentando, em estado inexoravel,
do seu maior poeta—a perda deploravel,
ou antes, nacional.

E se João de Deus, levado pela Morte,
nos deixa, luminoso um rasto como norte,
por grandesa transitoria;
propagado e sublime—outro o nome seu,
para nós é o mesmo, e ainda não morreu:
porque, pertence á Historia.

E esta, saiba toda a gente, á voz da Fama,
é, a que de futuro e de orgulho proclama
o bom nome genial
dos que, sendo uma gloria e luz das gerações,
como João de Deus—deixam scintillações,
senão—saúde eternal!

13 de janeiro de 1896.

Antonio José Henriques.



A João de Deus

(Depois de ouvir Antonio Candido)

Poeta! no teu esquite luminoso,
Tiveste as honras de maior grandesa!
Abriu-te as portas do final repouso
A aguia da tribuna portuguesa.

Palavras doiro, limpidas, vibrantes,
Cada uma das quaes, quando cabia
Nas tuas cinsas, inda palpitantes,
Era um beijo de luz e de harmonia.

Poeta, e só poeta! humilde e doce!
Foram teus funeraes, de um rei antigo!
A divina Eloquencia debruçou-se
Abrindo as azas sobre o teu jazigo.

Foi dar-te a despedida derradeira,
Quem fora, d'outros tempos de mais fé,
Na tribuna sagrada outro Vieira,
No pulpito francez um Bossuet.

E viu-se, então,—scenário resplendente!
Quando entrava na luz do eterno dia.
Banhado nos clarões do sol poente,
A Eloquencia saudando a Poesia!

15 de janeiro.

Fernandes Costa.

João de Deus

Tinha vindo do ceu... E então cantou
tudo o que o munio de mais bello encerra...
Alma qu'rida de Deus desceu á terra,
dormiu, sonhou talvez... E ao ceu voltou.

Eduardo Pacheco.



Tudo de luto!
Que enorme dôr!
Reina o terror!
Não brilha a aurora!
Creanças soltam
Pranto sentido
P'ro mestre q'rido
Morrer agora.

Todas as flôres
E os passarinhos,
Envolvindinhos
Em crepe veu,
Do soffrimento
Tocam na meta
Por o seu poeta
Fugir p'ra o ceu.

Acabe a dôr,
Haja alegria,
Cosse a agonia
Fuja o pezar;
Por que o poeta,
Por o genio seu,
Inda no ceu
Ha-de cantar.

Caldas da Rainha, 12-1-96.

JOSÉ P. FERREIRA.



HOMENAGEM AO TALENTO

DO PRIMOROSO POETA LYRICO

JOÃO DE DEUS

SONETO

—Silencio: vae fallar o grande livro, a Historia:—

Um vulto colossal, um vulto magestade,
A' campa vae descer, subir á immensidade,
Deixando assignalado o nome por memoria:

D'aquelle que inda ha pouco alcançou a Victoria,
D'aquelle, a quem o povo, a bella mocidade,
Admira e rende culto, e chora de saudade
A morte de seu Mestre, immorredoura gloria.

D'aquelle alma pura e espirito fecundo,
Coração d'uma pomba, astro immenso do mundo,
O poeta do amor, o pobre sem braços!...

Dorme, João de Deus, dorme o somno do justo,
N'essa eterna mansão, n'esse silencio augusto,
Ao lado de Herculano, ao lado de Camões!

Lisboa, 14 de janeiro de 1896.

Domingos Pereira.



A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS

Paraphrase de um dos mais bellos so-
netos do suavissimo e chorado poeta.
Par quel amour jaloux, par quel cruel mystère.
De tout ce qui l'ornait dépouilles tu la terre?
LAMARTINE.

Foi-se-nos, como um sonho, desfazendo
A luz que, para o bem, se illuminava,
Sob os raios da qual se nos mostrava
O bem que, para nós, vinha nascendo.

So a luz se annueava... em se não vendo...
Logo o bem, para nós, se annueava;
Despontava ella, apenas despontava
O bem que, para nós, vinha correndo.

Luz filha da luz, radiante e pura
Como a luz do Sinai (se a não sonharam...)
Quiz voltar á do céo, que sempre dura!

Não se sabe se os anjos a levaram...
Nem saiba nunca a nossa desventura
Contar os que, chorando, cá ficaram!...

Mafra, 12-1-96

SEVERINO D'AZEVEDO.

Aos pés de João de Deus

Partiu-se a lyra de ouro, a lyra santa
cahiu das mãos ao lidimo cantor!
Quebrou-se a lyra mystica do Amor,
foi se o Poeta! as flores mais não cantal...

Ó corações! a magna, a pena é tanta,
commove tanto o peso d'esta dôr,
que eu creio que chore a terra e chore a flor
n'uma elegia real e sacrosanta!...

Morreu a lyra dos carmes divinaes!
Venham as almas soltar lamentações,
venham todas carpir em fundos ais

Aquelle que lhes deu santas unções!
E unjam com pranto os olhos immortaes
de quem ungiu, cantando, os corações!

Adeus João de Deus! vate sagrado,
por quem a turba viva se incendia...
Em vida foste Christo de uma Idéa,
e morres como os santos adorado!...

O teu genio era bello e sublimado,
tu tinhas a alma pura toda cheia
do perfume dos campos, de uma aldeia
devias ter sido o cura abençoado!

Choram tua morte as almas tristemente,
dizem-te adeus, e o pranto crystalino
irrompe n'esses olhos transparente...

Adeus, candido Mestre peregrino,
que passaste na terra simplesmente
para mostrar a luz de um dom divino!...

Lisboa, 14 janeiro, 1896.

Dias d'Oliveira.

SONETO

A' morte de João de Deus, offereci-
do ao seu dedicado amigo
LIBANIO BAPTISTA FERREIRA

João de Deus! a cova onde descanças,
Quasi que chega a ser mansão d'amores,
Qua ahí da gratidão espalham flôres
Bandas fagueiros de gentis creanças!...

Passae da madrugada, ó brisas mansas,
Do santo sol de Deus passae, fulgores,
Beijando o mausoleo d'um dos cantores
Que ao seu pais natal encheu d'esp'ranças!

João! foste dos bons!... gastaste a vida
Em favor dos pequenos, que têm fome
De luz para os gnar na humana lida!

Ah! se a lage fatal teu vulto some
Aos olhos da nação agradecida,
A ensinar-nos a amar fica o teu nome!

J. I. Araujo.



Ha quasi um anno, foi a 8 de março, a mocidade
academica e com ella o paix inteiro, fez a João de
Deus a mais bella apothese que em vida se tem
feito entre nós a homens de talento. Essas homena-
gem em vida são privilegio dos poetas; tiveram-n'a
Victor Hugo, em França, Zorrilla em Hespanha; era
justo que a tivesses em Portugal João de Deus.

Pegar-lhes em vida as dividas santas é prova de
que esses poetas, além de inspirados na grande arte
de cantar o amor, são tambem bons, generosos, jus-
tos! Taes honras só logram os que esvoaçam com
azas candidas, sem as crestarem nas chammas das
paixões.

Gomes da Silva.



NOTA

A redacção d'«O Povo Espozendense», em extre-
mo penhorada pela valiosa cooperacão de todos os
exc.ºs cavalheiros que acceperam amavelmente ao
seu convite, congratando-se n'esta singela homena-
gem ao eminente lyrico do CAMPO DE FLORES,
agradece tão distincto obsequio e consigna aqui a ex-
presso sincera do seu profundo reconhecimento.

Silva Vieira.
Santos Pinheiro.

O POVO ESPOZENDENSE



HOMENAGEM AO DIVINO JOÃO DE DEUS

JOÃO DE DEUS



A breves dias que repousa no panteon dos Jeronymos, ao lado de Camões e Herculano, o

cadaver inerte e hirto do divino Poeta, do dulcissimo rouxinol da poesia patria, do maviosissimo traductor do amor e do sentimento, do coração e da alma popular! . .

E no entanto, o brado de dôr e sentimento expandido do amago da alma portugueza, ainda échôa como um sinistro dobre afinados, mostrando aos olhos da alma o pranto candente d'uma nacionalidade que chora um dos seus talentos mais pujantes, o principe do lyrisimo, o rei da emotividade e do sentimentalismo, que tanto nobilitou e engrandeceu a litteratura portugueza!

Divinissimo João de Deus! a luz radiantissima do teu éstro fulgura por de sobre esta nobre pleiade de corações sensiveis e emotivos, a illuminar a treva e a obscuridade, a fortalecer e a vigorisar as intelligencias carecentes de cultivo e as almas ciosas do bello e do bem! . .

E tú morreste, extraordinario Poeta! mas para os que téem um'alma para sentir, vive a musica deliquiosa e emovedora dos teus versos, que prende e encanta, que fascina e arrouba! . .

E para os que nunca elevaram um pensamento, uma ideia, ao azul immaculado do bello e do emovedor; para esses, perdurará a tua Cartilha Maternal, que lhes ensinará os filhos, evidenciando sempre o sublime protector do ensino e das creancinhas!

João de Deus, o bom e doce poeta do amor, em toda a sua sublime idealisação, principiou de viver para a immortalidade e para a Historia onde intercalado o seu nome luminoso e diamantino, endiademado de gloria, coberto das benções da Patria e aureolado pela luz fulgentissima e benefica accessa ante as creancinhas, que n'ella vão beber os rudimentos do ensino e haurir os primeiros alvares do saber n'essa obra sublime e humanitaria de que auctor.

Para os poetas, para os verdadeiros e genuinos poetas como Elle, como o divino lyrico; para esses que, no dizer de Garrett, veem, pensam, amam, sentem e crêem, como os outros homens

não pensam, não sentem, não crêem e não amam; para esses, foi este acontecimento uma perda irremediavel, irreparavel, que lhes roubou o Mestre querido que idolatravam e estremeciam.

Para os que sabem lêr e comprehender, foi como que uma devastação cyclonica que veio desabastecer o nosso vasto mercado das letras, de que Elle, o immortal Poeta, era o primeiro expositor.

Diz-se, e com visos de philosophia, que o homem vae e a obra fica. Incontraditavel verdade!

A grandiosa obra de João de Deus ha-de sanar a fome de espirito e satisfazer o sentimento a muitas gerações.

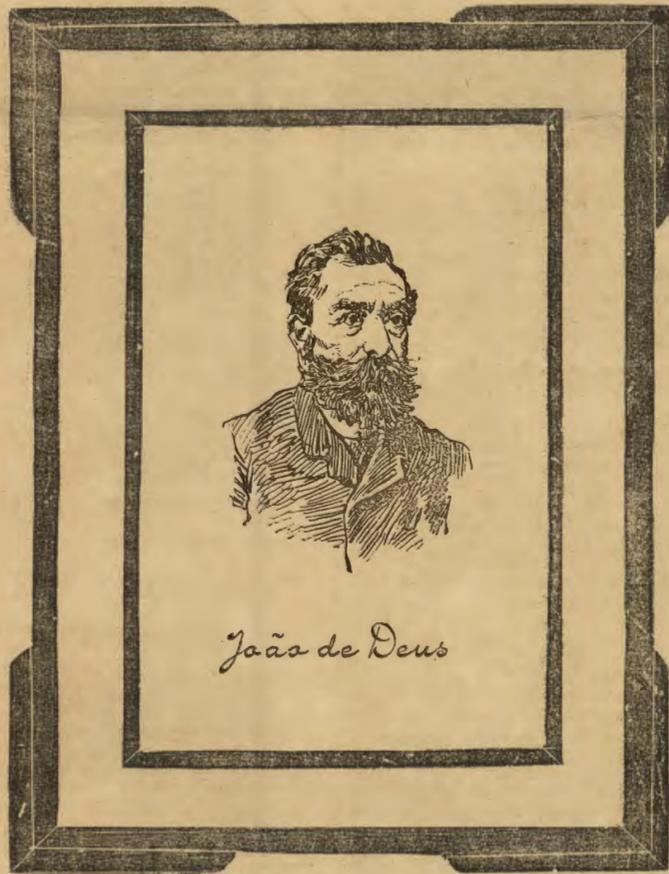
Do que ficamos inhibidos, é de futuras e novas produções—se mais se pôde produzir—do eminente lyrico; do grande, do verdadeiro, do puro, do genui-

Quem escreve estas singelas e mal conduzidas notas, era pelo-Poeta Mestre um idolatra, um quasi fanatico! . .

O Povo Espozendense prestando hoje a sua homenagem, a sua consagração sincera ao Homem, ao Poeta e ao Pedagogo, honra assim a saudosa memoria de quem tanto engrandeceu a Patria.



DIZEM que morreu João de Deus, e forçoso è crel-o, com relação ao seu envolucro phisico, pois que todos apregoam e lamentam o tristissimo successo, sem voz em



João de Deus

no Poeta, que não obedecia a escolas, a fins, a convenções; mas tamsómente ao coração, ao sentimento liberto, de-seivado, sem macula; sensibilizado e não affectado, commovido e não movido . .

Deifica uma pleiade de sectarios de uma ideia o seu idolo, o seu deus, o seu primeiro membro ou o seu primeiro vulto; João de Deus deificou-se, glorificou-se em vida propriamente, não teve sectarios, teve corações que o escutaram, almas que o sentiram . .

E é por isso que a alma de uma nação inteira prantêa com as lagrimas que vem do coração Aquelle que só á sua Alma e ao seu Coração deu expansividade!

contrario, e visto que nas pobres linguas humanas outra expressão não ha com que possa traduzir-se a restituição das partes corporaes de um ser á grande mole da materia, d'onde ellas sahi-das e aonde forçosamente tinham de voltar, por virtude de lei irrefragavel, para novas combinações e evoluções. Mor-te, porém, é essa, que não o aparta de nós, não o oblitera de nossa memoria, não o apouca e amesquinha em nossa veneração, e antes mais de nós o aproxima, mais querido nol-o torna, mais acrisola o culto de nossa immarcessivel admiração, pois desprendendo-lhe a alma luminosissima das fraquezas e feses inherentes á materia, a ala á limpida e serena região aonde se acolhem, após a vida terrena, cortada de contrariedades, privações e provações, os espiritos immaculados e radiantissimos, como que templo de luz em que recebem os tributos que a humanidade inteira perennemente lhes consagra pelas obras im-

mortaes que lhe legaram, ou como que constellação deslumbrante, constituida por luminares de primeira grandeza, a cuja luz e calor a humanidade se illustra e se aquece, em ininterrupta adoração.

Aos aditos d'essa região, d'onde hoje e para sempre nos illuminará e aquecerá o grandissimo espirito e não menos grande criação de João de Deus, para que condigna portada o Pantheon dos Jeronymos, acompanhou-o um povo inteiro, em apothese não menos levantada, não menos assombrosa, que a que o mesmo povo lhe consagrara, ha menos d'anno, no dia do seu anniversario! . .

Consolam factos taes, coincidindo com as nossas recentes e honrosissimas victorias em Africa, e enthusiasmo delirante e intimamente patriotico com que festejadas, da mesquinhez e ratinheria usual das cousas humanas, e fazem esperar que um povo que na decadencia a que arrastado tem arroubos d'estes pe-los seus filhos illustres, ainda poderá reviviscer.

Ao Povo Espozendense meu cordeal embora pelo preito que n'este n.º consagrado a João de Deus, presta á sua immorredoura memoria.

Barcellos, 21 de janeiro.

Rodrigo Vellozo.

JOÃO DE DEUS



João de Deus, um poeta, um bom, intellectualidade fulgentissima, coração diamantino!

Ninguem como Elle soube cantar tão sublimemente em accordes de uma harmonia inimitavel o sentimento da natureza, as alegrias intimas, as dôres profundas.

Lyrico, admiravelmente lyrico, unico nos seus cantares, salientou-se com notavel proeminencia dos poetas do seu tempo—não sacrificando a maviosa inspiração do seu genio á primorosa correção dos seus versos.

Deve-lhe muito a Patria, deve-lhe muito o povo!

Portugal teve n'Elle uma gloria invejada por muitas nacionalidades, conservará d'Elle a memoria fulgentissima de um dos seus vultos mais eminentes.

O povo teve sempre n'Elle um amigo, que lhe deu o methodo de ensino mais racional até hoje conhecido, d'Elle usufruirá ainda os beneficos resultados da sua grande obra.

De quanto a Patria lhe quiz e do muito que o povo lhe deve, da altissima veneração do paiz, da immensa gratidão dos portuguezes, dizem eloquentemente—a homenagem de ha pouco, a consagração de agora!—E' este o grande symptoma da boa alma portugueza—a expontaneidade de glorificação de todos os grandes épicos das sciencias e das letras!

Não necessita de melhor afirmação, de mais brilhante prova da alta valia da sua intellectualidade, um povo, como este que cumpre rigorosamente o seu mais sagrado dever civico ante o cadaver do mais glorioso e doce poeta lyrico, que:

Grande pelo saber, pujante no talento, á patria lega enorme um vasto monumento todo feito d'explendores, circumdado por lemas, em que o Bello parilha como ridente aurora—a maternal «Cartilha», á luz do «Campo de flores».
(A. J. Henriques).

Vianna, 17 de Janeiro.

Eugenio Martins.

CENTÃO GAMONEANO

João de Deus

trocou finita e humana vida por divina, infinita, e clara fama, que gentil louvor derrama.

Alma... gentil, que to partiste tam cedo d'esta vida. ... eternamente, (cá na terra sempre triste); a dôr... me ficou da magua—sem remedio—de perder-te, que teus annos encurtou!

Uma só razão tenho conhecida, com que tamanha magua se conforte: —Que se no mundo havia honrada morte, não podias vós ter mais larga vida!

Vós, honra portugueza!... no heroico templo, Clarissimo... João... a vós encheis de gloria, a nós d'exemplo!

Braga, 18 Janeiro 96. O Decano do Lyceo,

Pereira Caldas.



JOÃO DE DEUS



Este nome é a um tempo uma litteratura inteira e uma philo ophia completa; é mais do que isso, é a affirmação superior do genio do povo portuguez—mystico e melancholico. As suas obras têm este alto cunho, privativo dos artistas de raça, verdadeiramente geniaes.

Era com justiça, que nouteiros e ostranhos o capitulavam de primeiro lyrico da actualidade. Ninguém como João de Deus soube cantar melhor, n'uma inigualavel naturalidade de sentimento, o campo, o aroma das flores, o puro azul dos céus, o murmuro dos arvôres, o amor em suas mais altas e mais bellas manifestações; tudo, enfim, quanto é puro e bom.

Grande coração, formosissima alma, pujantissimo cerebro—foi uma individualidade tão alta, de tão larga convergadara, que só de per si bastaria a glorificar um povo, a synthetizar uma época.

Dobrando o joelho ante esse bocado de gleba que acaba de esconder a nossos olhos raso de lagrimas o corpo do Mestre que cantou as Flores do Campo, do grande Apostolo do bem que escreveu a Cartilha Maternal, o Povo Espozendense cumpre um dever, um sacratissimo dever. Em meio d'esta sociedade toda feita de egoismos e de maldades, este nome—João de Deus, já aureolado pela luz purissima da immortalidade, continuará a ser, hoje mais que nunca, um conforto e uma esperança para quantos sabem sentir o crêr.

M. Villas Boas.



JOÃO DE DEUS

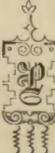
Pendeste egrégio vate, como um justo, Nas sombras da morada repulhrall! Tu êstro se apagon, mas immortal Será na terra mãe o nome teu!... Terás o amor aqui, a paz no céu, Terás a engrinaldar-te a lyra d'ouro As Flores que nos derte, esse thesouro Que amamos com ardor, com fanatismo!... —Morreste?... Mais que nunca vives hoje, Sublime pensador, rei do lyrismo!

Porto, Janeiro de 1896.

Cunha Cardoso.



JOÃO DE DEUS



Prostrado sobre o leito da agonia Despede o Poeta o derradeiro alento,— Emquanto, ao longe, o merencoreo vento Lhe tece, soluçante, uma elegia...

Lá vem rompendo sobre a serra o dia, Triste, enlutado, negro e pardacont... E a Patria chora-o, n'um geral lamento, —Como só por Jesus chorou Maria!...

Cheias de espanto e mystico terrôr As croacinhas, dando pasto á dôr Que lhe vae na alma, gemem tristemente...

Emquanto além no pedestal da historia, Seu vulto s'ergue entre os torredes da Gloria... Como um ser intangivel, resplendente!...

Vianna do Castello.

Alexandre Costa.



CASTILHO E JOÃO DE DEUS



consagração dos heroes, dos bemfeitores da humanidade, dos varões illustres por sua sciencia e virtudes é um dever de todos os que creem na regeneração social, mas que não esperam contemplativos que a felicidade dos povos venha directamente do céu, como uma especie de maná que sem trabalho se possa colher.

E' por isso que, de alma e coração, nos associamos à homenagem que a illustrada redacção d'este periodico se dignou prestar ao sublime poeta lyrico, que Portugal acaba de perder, reproduzindo aqui o que já n'outra parte escrevemos a proposito da merecida apothose, que ao glorioso extinto promoveu a classe academica, em março do anno preterito.

Posto que em Portugal a escola primaria não seja ainda devidamente apreciada e estimada como a primeira instituição social e base de toda a instrução nacional; posto que a instrução primaria, esta santa orphã, no dizer de Castilho, tão formosa e perseguida, não ocupe infelizmente ainda entre nós o lugar de honra que lhe compete entre os povos cultos, que mais assidua e afanosamente trabalham pelo seu progressivo aperfeiçoamento intellectual e moral, não são por isso menos dignos do nosso respeito e admiração esses benemeritos das letras patrias, que mais tem contribuido para levantar o nivel intellectual das classes populares.

Dos grandes vultos que entre nós mais se teem assignalado n'essa nobre cruzada de combater as trevas, difundindo a maxima profusão de luzes, ninguém excedeu, nem egualou, até hoje, os eminentes poetas, Castilho e João de Deus, tão admiraveis e asombrosos pelo seu peregrino talento poetico, como pela clarissima intuição pedagogica com que iniciaram e levaram a cabo, através de mil difficuldades, uma reforma completa na arte difficil de ensinar a ler.

Desde João de Barros, que compozera uma cartilha para o ensino da leitura, até o meado do presente seculo pouco ou nada tinha progredido entre nós a arte de ensinar a ler.

Foi o insigne poeta Antonio Feliciano de Castilho quem com o seu Methodo portuguez teve a gloria de levantar a grande questão methodologica do ensino. Entre elle e os sectarios dos roneiros processos antigos, que o novo Methodo combatia, travou-se renhida lucta, mas a nova doutrina triumphou após uma pertinaz propaganda, e em grande parte tem sido aproveitada pelos methodologistas que se lhe seguiram.

Dado este passo no caminho do progresso, uma aurora de esperanças raiou para a instrução popular; e pouco depois surgia simultaneamente nos horizontes da litteratura patria e nos templos escolares da infancia uma nova estrella de fulgor intenso. Era o glorioso e immortal João de Deus que vinha com o seu methodo de leitura completar amorosamente a reforma da escola primaria.

E' a luz radiante e benigna d'essa estrella sorridente e propicia que as intelligencias em botão estão actualmente desabrochando aos milhares.

Castilho e João de Deus, ambos diplomados pela Universidade de Coimbra, ambos poetas de primeira ordem, um revelando a par de raro engenho a mais acurada cultura classica; outro sublimando inspiradamente a poesia lyrica ao mais elevado grau de perfeição esthetica, são ao mesmo tempo os gloriosos evangelisadores da nova lei pedagogica em Portugal.

Dedicados apostolos da instrução e da educação popular, vendo-se no meio de uma sociedade quasi analfabeta, que não sabia nem podia apreciar as preciosas joias litterarias do seu divino estro, não hesitaram em arcar com os velhos e rotineiros processos do ensino, e, não sendo pedagogos de profissão nem revolucionarios irrequietos, operaram todavia essa tão radical e fecunda revolução pedagogica, em que mais ou menos directamente se teem inspirado todos os methodos hodiernos, recentemente adoptados em as nossas escolas.

Estes dois grandes benemeritos da educação nacional formam com D. Antonio da Costa, o entusiasta propugnador da instrução popular, o sublime apostolado que entre nós fervorosamente advogou e emprehendeu a regeneração social pela escola, e até hoje ninguém se dedicou com mais ardor do que elles a essa santa e nobilissima cruzada.

Mas o que ainda mais realça e engrandece a obra civilisadora de tão prestimosos protectores da infancia é a somma de dissabores amargos, que o aferrado espirito da rotina lhes fez tragar; é a costumada e iniqua hostilidade ás ideias novas, que tiveram de arrostar; é, enfim, toda essa serie de contrariedades e obstaculos que, como innovadores, tiveram de superar para fazer triumphar a causa da instrução e do progresso.

Essa contenda porfiosa faz lembrar a lucta que Colombo, o sonhador de novos mundos, teve de travar com os impugnadores das suas ideias para levar a cabo, como arrojado navegador, a audaciosa empreza que, como erudito cosmographo, havia planejado.

Como Colombo, os illustres methodologistas portuguezes triumpharam, e o seu triumpho não foi certamente menos importante para a pedago-

gia nacional, do que o do descobridor da America para a sciencia geographica.

Castilho e João de Deus foram, pois, para a escola primaria, o que Garrett foi para a restauração do theatro nacional e Herculano para a renovação dos estudos historicos em Portugal. Cada um legiou na sua especialidade, e para a execução das suas leis não foi precisa a sanção regia, porque ellas traziam o cunho do talento privilegiado, que é a suprema sanção humana das leis que regem os espirites no campo das sciencias e das letras.

D'entre as sumidades litterarias do nosso paiz no seculo actual, Herculano, Garrett, Castilho e João de Deus são os mais dignos e illustres continuadores da grande obra de Barros, Camões e Gil Vicente, sob o triplice ponto de vista historico, lyrico e dramatico, e até sob o ponto de vista pedagogico.

Mas João de Deus distingue-se de todos esses grandes vultos como pedagogo e como poeta. Como pedagogo primacial accendia e vivificava as intelligencias, aquecia e fecundava os espiritos; chamava a si os pequeninos tão amorosamente como Jesus, e não só lhes impregnava os tenros corações do perfume da virtude, como lhes coava nos cerebros alvarescentes os primeiros raios da luz. Como poeta foi o supremo cultor da poesia lyrica na sublime e divina idealisação do amor.

Genios d'esta grandeza, cidadãos que assim honram e ennobrecem a sociedade em que vivem; filhos que tanto illustram e exaltam a sua terra natãl, immortalisando com o seu nome o nome da patria, tornam-se dignos das maiores homenagens que não só os seus concidadãos, mas ainda a humanidade inteira, lhes possam prestar como preito de admiração e tributo de gratidão.

Barcellos—20—1—96.

M. S.



JOÃO DE DEUS

Foi uma fulguração brilhante que passou n'esta vida que é, como o p eta dias:

ai que mal sôa!

Era de Deus e para Deus voltou, como disse o ex.mo e rev.mo Arcebispo d'Evora.

Mas na sua passagem pelos flo-isonces da existencia esse AI sou por tal forma, que, como asseverou o nosso épico:

O SABIO não vae todo á sepultura Na memoria dos homens vive e dura.

A sim sorã.

João de Deus não é simplesmente portuguez: é do mundo inteiro, é da Historia, é... ia a dizer do Agiol-giol

E porque não?

Quem soffreu como elle, quem cantou como elle, quem como elle escouo a vida espalhando o bem a flux por toda a parte, publica e particularmente, sem pretensões, sem alarde, unicamente para satisfazer ao pendur da sua alma, sempre candida e mo quando foi inusitada pelo Crend-r, depois de bem merecer da patria e da humanidade, não deve estar longe do Paraizo.

O que se ha-de dizer de João de Deus que se não tenha já dito em todos os tons? Que nova fibra se ha-de fazer vibrar, se todas as celulas de todos os corações já foram emocionadas?

Como se ha-de fallar d'esta individualidade pujante, que, por mercê da Providencia, veio ser, no seculo XIX, a segunda baliza que affirme ás nações a vitalidade po fagueza, e lhe marca o caminho do progresso?

Tudo quanto se tem dito é pouco; tudo o que se pode dizer é insufficiente para exprimir o valimento de João de Deus e os sentimentos de amor e gratidão que, para com o Author da Cartilha Maternal, nos invadem a alma...

Elvas 20—1.—96.

Soeiro de Brito.



MONSÃO, 22—1.—96.

Estas linhas de Saint-Pol-Roux, paraphraseando o apophthegma de Goethe:—A verdadeira poesia eleva-se acima do mundo sem o perder de vista.— D'ora em diante, o poeta terá o direito de cantar, á sua hora do cyene, que um universo se extingue com a lampada dos seus ossos. E os seus discipulos deverão deital-o devotamente no tumulo, e, assim como outr'ora se collocava um animal de marmore nos pés d'um morto illustre, collocar um globo symbolico aos pés do adormecido divino.—

João Verde.



João de Deus, essa luminosa existencia que tanto e tanto enalteceu a litteratura patria d'este seculo, apagou-se para não mais se accender!

Morreu! mas o seu nome, jazerá eternamente no coração de todos que o admiraram como homem, porque nenhum como elle tão bem soube comprehender os sorrisos e as lagrimas das innocentes creancinhas, e como poeta porque na lyra da sua alma, encontrava-se sempre uma delicadeza, uma suavidade de expressão que nos encantava.

Descança, pois, em paz, Mestre! E se n'essa vida eterna se consente o véres as lagrimas d'um coração que verdadeiramente te admirou, recebe-as como a mais humilde homenagem d'um dos teus dedicados e humildes discipulos.

17—1—96.

THEODORO SOARES.

JOÃO DE DEUS

João é um nome, é um symbolo; não é uma ideia, é uma synthese; não um coração mas todo um sentimento; não um poeta, mas toda uma poesia. Um homem uma raça. Alma em tudo. Coração sobre tudo. Tradicionalidade. Creação.

Morreu em João de Deus o homem que era o maior dos portuguezes, porque a sua obra, por si só, representa a gran lo corrente da alma nacional, e o maior dos poetas, porque a sua lyra modulava todas as dôres e todas as alegrias do nosso coração. Lyra inspirada na tradição ethnica da poderosa irradiação preta que nos vo'o do sul da França pelas vigorosas formas trobadorescas gallezianas, João de Deus, pela profunda comprehensão do sentimento realçado com uma simplicidade que encanta ainda mais do que a sua naturalidade, é o sublime capitel d'essa columna incomparavel onde se des'açam os altos relevos de Vasco Pires de Camões, o terceiro ou quarto avô do nosso grande épico, Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão e tantos outros.

A alliança da philosophia com a poesia, base em que assenta a comprehensão humanitaria do ideal do seculo desenove, não encontrou em João de Deus a sua manifestação pratica, como encontrou em Byron, como encontrou no grande Hugo. Aqui é que está principalmente o homem portuguez, o homem raça, o homem-nacionalidade. O genio turbulento e profundamente sentimental do typo peainular, esse genio que deu á lyra de João de Deus a inegavel suggestão das sublimes composções de Coimbra, são um elemento que radica fundamentalmente a tradicionalidade da poesia popular portugueza e que tem, por assim dizer, em si, a caracteristica segura de um determinismo historico.

No entanto, João de Deus, não é o homem velho, o homem que procura no dogmatismo da creença, a unica determinante da unidade sentimentál. Se a sua alma verdadeiramente poetica não retratou a phisionomia politica do ideal artistico, iniciado pelo seculo desenove, em toda a sua extensão humana; se não banhou a inspiração n'essa immensa onda avassaladora que traz em si, n'uma sagrada communhão de affectos, as aspirações de todas as raças e que, no seu marulhar profundo, traduz eloquentemente o gemido sbafado que sae das ruinas historicas de mil gerações mortas, o seu coração incomparavel, uma divina de affeições e de bondade, berço sublime onde embalou as mais puras creenças de regeneração nacional pela educação, soube dar-nos, em um simples livro, acto de um só instante que é o acto de uma vida inteira, o grandioso exemplo de quanto a aspiração humana se pôde concretizar n'uma unica alma, do quanto o soffrimento universal se pôde traduzir n'um simples grito de dôr:—A Cartilha Maternal.

E a luz que se sobrepõe á treva, como um farol que se colloca sobre o rochedo espantado da costa para allumiar o desmorreado barco, ao longe. Esse pequeno livro é o romance de uma vida inteira, com todas as suas inquietações, modalidades, pesares, sonhos, desesperanças, affectos; é a sublime arremetida da noite para a aurora, do soffrimento para a liberdade; é a dôr que implora e pede a ouçam; é o grande rebanho dos pequeninos que pede á poesia uma canção e uma lagrima e ao poeta uma candeia para tactear o futuro; é João de Deus o poeta, que dá o braço a João de Deus o homem.

O objecto dos seus sonhos, a esperança que lhe sorriu amavel em trinta annos de lucta, foram esses pequenos entes, as creanças, essas avesinhas que esperam no recesso do seu bosque, na sua ignorancia, o despontar da madrugada para desferrarem seus cantos; foram esses anjos condemnados á grillheta de um ensino rotineiro e estúpido, amando o dia sómente por lhe descobrirem uma restea através do seu carcere-escola, amando as avesinhas, suas irmãs, sómente por lhe ouvirem uns cantos iguaes áquelles que a sua alma quer e não pôde desferrir, amando, por instincto, a grande Natureza, fecunda e vasta, que lhe dá as suas borboletas e os seus perfumes.

Na alma d'aquelles milhares de creanças, que se mpanharam, innocentes e castas, inconscientes e meigas, sem saber mesmo o que faziam, o involucro mortal do grande genio ao pantheon da immortalidade, devia de andar um anjo cantando um hymno de uma bondade immensa e espalhando, n'uma alvorada triumphante, por sobre os seus destinos, as petalas d'aquellas amadas flores que engrinaldaram a vida de um homem que deu, transformado em luz, parte do seu coração aos futuros elementos da familia portugueza.

Porto, 17—1—96.

J. M. d'Oliveira.



Camões e João de Deus

A Bulhão Pato

Contraste singular! Camões, agonizante, Ao vêr que a nossa gloria ao longe se definha, Fita Alcaacer-Kibir, e exclama n'esse instante; Morro, ao menos, contigo, ó patria, ó patria minha!

Agora João de Deus, seu successor e herdeiro, Ao ver a nossa gloria em Africa implantada, Bem podia dizer, no instante derradeiro; Tu vives, quando eu morro, ó patria, ó patria amada

Castello do Portozello,—15—1—96

Sebastião Pereira da Cunha.



Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser homem, disse o padre Vieira: João de Deus justificou a phrase d'aquelle outro grande portuguez.

Chegou á gloria sem atropellar direitos de ninguém; tendo talvez jus a isso, nunca pediu justiça; não levantou invejas, nem suscitou rancores.

Por isso morreu consagrado. Foi simples e foi bom.

Assim,

...passou... morreu!

Armação Navarro.

SONETO

Como adormeco a pequenina ave
Pondo a cabeça ideal debaixo da asa,
—Urna cheia de luz, immensa, rasa,
Durma o teu coração, me go e suave.

Possa a tua a'ma, esvoaçando grave,
Nas volutas altivas d'esta casa
Ungil-a bem, no puro amor em braza,
Que cra em teu peito a luminosa chave.

Sejam de amor estes sagrados prtos,
Paire a tua alma pela nave immensa,
Amem-se bem os nossos grandes mortos;

Santifiquem a luz d'esta alvorada,
Amparem bem esta manhã intena,
Dêem-nos alma grande e fé sagrada.

LUIZ OSORIO.

A sua lyra

Lyra divina,
De fino ouro.
Lyra p'regrina,
Raro thesouro.
Lyra tão bella
Brilho d'estrela,
Coberta a louro.

Lyra tão doce,
Lyra d'Orpheu,
Como se fosse
Vinda do ceu.
Lyra querida
da sua vida
do peito seu.

Lyra singela,
lyra d'amor,
meiga tão bella,



Lyra da dôr,
ave liberta,
joia d'offerta
do Creador.

Lyra que brilha,
lindo ornamento.
Lyra que é filha
do sentimento.
Suavo lyra,
Alva saphira
do firmamento.

Lyra d'anil
da amplidão.
Lyra d'abril
inda em botão.
Lyra mil alma
vinda da Alma,
do Coração.

Alvaro Pinheiro.

ADEUS

Estremecem como n'uma convulsão de dôr os salgueiros corcovados e as oliveiras cinzentas, chora uma corda das guitarras n'um instantâneo soluço de amargura.—é a alma de João de Deus que passa pela ultima vez para dizer adeus ao Mondego, ao Penedo da Saudade, á Lapa dos Esteios, á Fonte das Lagrimas, á bohemia de Coimbra, que elle amou e o amaram.

E a alma do poeta, subindo no azul, para a eterna luz, vae repotindo saudosa:—«Adeus, adeus.»

Alberto Pimentel.

O poeta tinha uma resignação verdadeiramente apostolica. Natureza excepcional em que os defeitos, todos contra a propria pessoa, eram excedidos pela somma das suas virtudes.

Na sua apothese, em 8 de março do anno findo, todo o paiz acompanhou as escolas. Ninguem achou de mais nem menos. Quando nos recordamos d'essa manifestação ficamos consolados por se lhe haver mostrado o grande apreço que merecia.

O seu funeral, á custa da nação, mostrou como a grande força espiritual e o enorme poder moral se impõem. E' uma das grandes forças que ha no mundo.

Esta unanimidade honra a todos.

Theophilo Braga.



LUIZ DE CAMÕES E JOÃO DE DEUS

(o grande épico e o grande lyrico)

Em 1580, no anno em que a patria perdeu a sua independencia e foi victimada pela usurpação castelhana, morreu o grande épico Luiz de Camões.

Em 11 de janeiro de 1896, quando os academicos percorriam as ruas de Lisboa, soltando vivas á patria, e quando se entoavam hymnos pela victoria dos nossos soldados em Africa, morria o grande lyrico João de Deus.

Fatal data:—11 de janeiro!
Não bastava marcar o insulto inglez, não bastava marcar a queda moral do estadista Marianno de Carvalho, assignala tambem a perda do poeta de coração que, ao som dos vivas á patria, subia á sua ultima patria como elle diz n'um dos seus ultimos versos:—«a patria é o céu.»

João de Deus foi mais feliz do que Luiz de Camões.

Luiz de Camões viveu despedido e morreu quando a patria agonizava, João de Deus teve em vida uma homenagem merecida e morreu quando a patria sorria.

ALEXANDRE LUIZ DA COSTA.

Tem-se dito e escripto de João de Deus tudo quanto o entusiasmo pelo talento provoca. E de facto João de Deus era um genio.

Mas não é com justiça que se afirma que depois de Luiz de Camões, nenhum vulto brilhou no horizonte da nossa litteratura poetica.

Esquecer Garrett, o grande poeta dramatico, o auctor do *Alfageme de Santarem*, esquecer Bocage, o *Elmano Sadino*, é grave injustiça.

Ainda assim estas manifestações feitas ao Mestre, ao grande lyrico, ao homem de bem, mostram que com estas homenagens nada mais fizemos do que adiantar o relógio que marca o progresso da nossa civilização.

F. T. Xavier Marques.

De Deus tinham o nome e a Deus voltaste agora;
Espirito celeste, ouve do céu os hymnos:
Pranteia-te a nação, a infancia por ti ora,
Poeta sem rival e amigo dos meninos.

ARCEBISPO D'EVORA.

SONETO

A flor delicada pendeu para a terra: o aroma delicioso evolou-se para Deus.

Se á terra foi restituído o que lhe pertencia, librou-se para o Céu na aza da inspiração uma alma pura, que deixou insculpidos com caracteres de ouro na litteratura d'esta nossa patria, o seu nome glorioso.

D. Francisco de Noronha.

SONETO

Dorme e repousa, coração gelado,
Alma feita de luz e de poesia,
Espirito do bom que ninguem via,
N'esse frio sepulchro conservado!

Não mais o Sol que ao teu altar sorria
Virá beijar-te o corpo abandonado;
Não mais á noite pelo azul 'strellado
Irás buscar a doce phantasia!

Morto, enterrado em Vida! Alma captiva,
Soffres agora a pungitiva dôr
D'um captivo á liberdade altiva!

Roubaram-te ao teu sonho: a Primavera
E deram-te, por premio a tanto Amor,
A mortilha da pedra mais auateral
Lisboa, 16—1—96.

Augusto Forjas.

A JOÃO DE DEUS

O nascimento a todos é igual. As boas obras, o assiduo laborar, fazem os homens distintos.

E é a um d'esses que hoje venho prestar o meu preito; ao grande pedagogista, ao eminente poeta lyrico, ao mestre dos mestres, ao symbolico João de Deus.

Não precisa uma mediocridade como eu, colorir o que foi esse vulto, pois todos o sabem e todos conhecem o monumento que elle erigiu á infancia—*A Cartilha Maternal* e o *Methodo de Escripção*.

De todos é conhecida a sua extasiante lyra, composta de tres cordas—*Amor, Natureza e Deus*, e que se singularisa em uma só—o Amor, esse Evangelho de todos quantos tem coração.

E senão... que o diga essa genuina apothese de 8 de Março de 1895, a *Cartilha Maternal*, o *Campo de Flores*...

Que o digam as cem mil pessoas que o acompanharam da basilica da Estrela ao Pantheon dos Jeronimos...

Que o digam esses seis mil estudantes e essas innumeras corporações que ludream o seu cadaver até junto das ossadas de Camões e Herculano...

Que o digam os grandes oradores que juntos do sarcophago compararam-o a Victor Hugo, a Camões e a Herculano; que o capitularam de um justo e um santo, que o elevaram em pensamento até ao empyreo!

Que o digam os grandes prosadores e poetas; os que tem o dom da elegancia e o estilo suave da poesia...

Que o diga, enfim, o auctor das *Sonancias*—Alvaro Pinheiro—n'estas duas estancias, impregnadas de lyrismo:

Eu leio com uncção o mysticismo
Das crenças pueris que Elle decanta,
Nos versos repassados de lyrismo,
Nas trovas virgínicas que a Musa canta.

E admiro os pensamentos condensados,
O sentir que Elle infunde. A vibração
Que tão bem fere e tira dos trinados
na harpa do coração.

Gloria a João de Deus!

A. S. Montenegro.

AO MORTO

As grandes obras são, sem duvida, as lapides immorredoras dos grandes genios.

A alma portugueza foi ferida profundamente no meio de suas brilhantes festas, pela lugubre noticia da morte

do grande poeta lyrico, do eminente genio da Renascença, do pae intellectual das creancinhas—João de Deus.

Desle a mocidade alegre das escolas até ao ancião alquebrado pelos annos e trabalho, todos incorporados, prestam homenagem a esse espirito fulgurante do presente seculo.

O Povo Espozendense, dedicando o presente numero á memoria do tão illustre portuguez, acompanha o paiz na dôr que o punge, e desfolha no atadão do Mestre as flores viçosas da saudade.

Necessidades, 23—1—96,

C. G. V.



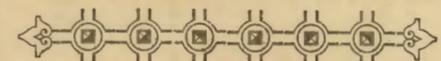
JOÃO DE DEUS

Além d'am bom, era um justo.
Pensava o dom, a rareza
de cantar a Natureza
e de amar o Deus agustado.

Um dia, após oração
que lá no Céu se ouvira,
Disse Deus: Toma esta lyra,
bom João.

Affez-se logo o cantor,
da lyra ao som que feria
a cantar com melodia
o Amor, sómente o Amor!

ALVARO PINHEIRO.



NA MORTE DO MESTRE



Morreu João de Deus! evolou-se até ao seio do Altissimo este homem que consubstanciava em si uma litteratura inteira, todo um poema d'amor, toda uma epopeia de bondade! Morreu João de Deus!

E eu ao escrever este artigo de sentidissima saudade, de uma atrophante tristura, sinto-me tam pequeno, tam pequenino como se um atomo tivesse de escrever de um mundo!

Morreu João de Deus! Não, não, João de Deus não morreu, porque não podia morrer!

Quem ha ahi que possa dar credito a essa noticia espalhada por toda a parte pela potentissima voz da imprensa? Ninguem.

Mas a verdade, a terrivel verdade impõe-se, subjugá-nos e temos de acreditar na realidade.

João de Deus morreu, mas a sua memoria será eterna na saudade dos povos, a sua lembrança será duradoura, porque não se póde acreditar que na alma nacional de um povo como o portuguez, adormeça, jamais, a memoria de um homem que a fez respeitar lá fóra, de um homem que foi o seu poeta mais divino e maior que appareceu depois de Camões.

Morreu João de Deus! e o coração do verdadeiro portuguez obumbra-se com os crépes do lucto, a alma confrange-se n'uma tristura infinita e o espirito opprime-se n'uma saudade inconsolavel.

João de Deus não morreu, apesar do seus ossos repousarem ao lado dos suppostos ossos de Camões e dos de Herculano, nas soberbas cryptas dos Jeronimos! João de Deus não morreu, porque é impossivel que Deus queira rou-

bar, um a um, todos os nossos grandes homens! Hontem lá foram Latino Coelho, Camillo e Oliveira Martins, hoje morre um homem que, só elle, valia por esses todos!

A memoria do Mestre será eternamente de todos, emquanto existam as suas poesias, reviverá sempre na alma das creancinhas e viverá na nossa que tambem já fomos creancinhas!

João de Deus morreu! dizem-o os sinos no seu *dlan*, *dlan* funereo, dil-o toda a imprensa nos seus artigos, abandonando as dissensões politicas, avergando as suas bandeiras, perante o grandioso feretro do homem honrado, do trabalhador honesto! dizem-o as palavras elequentissimas dos seus amigos, que com os olhos marejados de lagrimas lhe deram as despedidas á beira-tumulo, destacando-se por entre elles, como astes de primeira grandeza, o verbo eloquente e unico de Antonio Candido!

João de Deus era um sancto não era um homem, era um trabalhador honesto e honrado, era um poeta divino, e por isso morreu pobre.

E, é por isso que vemos este consenso geral, de uma nação inteira, os ignorantes á disputa com os intelligentes, e os grandes e os pequenos, os homens e as creancinhas vergarem-se, chorando lagrimas de magestosa saudade deante do cadaver do sancto, deante do cadaver do Mestre! e cobrindo-lhe o caixão de *bouquets* das florinhas do Campo, que elle tanto amou!

E, por isso, que toda a academia, reverente e saudosa, toda a academia, que ainda ha bem pouco, lhe fizera a apothese em vida, lhe foi prestar a homenagem a mais eloquente, o preito o mais significativo, a romaria a mais altisonante e até hoje nunca vista!

E, é por isso que hoje a minha penna se cobre com o lucto da saudade, ao lembrar a tua vida, ó meu poeta mais querido, ó auctor da immortal *Cartilha Maternal*, por onde eu apprendi a balbuciar as primeiras lettras!

Descança em paz, ó incomparavel poeta!

Descança em paz, ó honestissimo e inconcusso philosopho!

Descança em paz, ó sancto!

Espozende, 13—1—96.

Xavier Vianna.



NA MORTE DO POETA

Partindo para os páramos distantes
Deixou todo o paiz em dôr chorando!
Oxalá que, como disse aos estudantes,
Nos pudesse escrever com lá chagando...

Se a promessa do poeta se cumpria,
Se elle do somno eterno de-portasse,
Que poemas de luz e de harmonia
Deviam ser as cartas que mandasse!...

12—1—96. ALBERTO BESSA.



Souza Ribeiro, o mimoso poeta dos *Crystaes*, obri-gou um telegramma á esthetica d'ossas deliciosas quadras, o onviu-o á extremosa Esposa do morto illustre:

Que do céu nos escrevia,
disse-o Elle, anno passado,
Mas, tão cedo, quem diria
ver-so o facto consumado?!

Ah! mas... se elle era de Deus,
como q'rias tel-o cá
a soffrer?... Levout'-o Deus,
que tambem o adorará.

E que o pranto, que hoje desce
por sobre o «Campo de Flores»,
suba aos céus como uma prece
que suavise as tuas dôres!



NA MORTE DO POETA

Espirito de luz e d'esperanças,
meigo cantor.
Divinissimo mestre das creanças,
anjos d'amor!...

Choram, coitada! as meigas florinhas,
Vive agora esta Patria tristemente
Na dôr, carpindo a perda, amargamente,
Do pae espirital das creancinhas!...

Silva Vieira



Finou-se o illustre poeta,
Sublimo cultivador;
Que trabalhou com ardor
Instruindo as creancinhas;
Esse talento fecundo,
Esse espirito brilhante,
Que com seu labor constante
Mimoseava as florinhas!...

Não se vê nenhuma estrella
Brilhar no espaço do ceu,
E da noite o negro veu
Causa pavor e tristeza;
Deixou d'existir um genio,
Perdeu-se um alto talento,
Tão infausto passamento
Entristece a natureza!...

São horas tristes... silentes...
Cessa oh lyra o teu trinado!
Envolto em crepes o prado
Murcham e seccam as flores;
Das estrellas cesse o brilho,
Deixe a lua de surgir...
E deixe o sol de expargir
Os seus raios de mil côres!...

Tributo aos restos mortaes
Do mestre laborioso
Do poeta glorioso
Que na nossa ideia existe;
N'estes momentos fataes
Curvo-me ao pezo da dôr,
Morreu o cultivador—
Alma gentil que partiste!...

Não, não ha alguém que esqueça
Esse talento profundo,
A admiração do mundo
O vate João de Deus...
Era um estro luminoso,
Um peito cheio d'esperanças,
Muito amigo das creanças,
Extremoso pelos seus!...

Compõe se a vida d'enganos,
E quanto custa o viver!
E' illusão o prazer...
A vida é luz frouxa e baça...
Nas horas de regosijo
Elle dizia aos filhinhos,
Enchendo-os de mil carinhos:
«A vida é fumo que passa!...»

Fallou da dhalia e da rosa,
Da açucena e do jasmim;
Cultivando o seu jardim
Gosou dias de ventura;
Vate q'rido, enternecido,
Cheio de louros e gloria!
Na nossa grata memoria
João de Deus! vive e dura!...

Todos pagam o tributo
Da tão negra lei da morte...
Todos têm a mesma sorte
(Sem escolha...) tarde ou cedo...
Siga o sol a sua orbita
Sumindo-se no horisonte...
Que d'humilde eu curvo a fronte
A tão divino segredo!...

Eu choro, cheio de magua,
Essa morte prematura,
Perdemos na desventura
Um cultivador sincero;
Abafe a lyra os trinados,
Façam estrondo os meus ais!
Do vate os restos mortaes
Humildemente os venero!...

Lisboa, 15-1-96.

Manoel da Cruz.



SONETO

Pranteia, ó lyra triste, amadas cinzas!
O digno de chorar-se as musas chorem!
BOCAGE

Quando a criança passar
P'la campa de João de Deus,
Curvando os joelhos seus,
Ha de na terra ajoelhar;

A fria lago bojar,
Erguer os olhos aos ceus,
Do santo amor os trophes
Em preces d'alma citar.

Se fór em tempo de flores,
Todo o ar embalsamado
Será por doces olores;

E o vento, tendo passado,
O ecco de beijos-amores
Ha de guardar... bem guardado!

J. I. Araujo.



A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS

A Cartilha, obra d'arte,
e de amor—os versos seus,
na fama que se comparte,
são hoje por toda a parte
gloria de João de Deus.

Antonio José Henriques.

ANNOUADA

Foi Elle, João de Deus,
a perfeita creatura,
que o hymno d'amor cantou
em linguagem doce e pura.

A Cartilha Maternal,
obra santa, ru ilanto,
às creanças transmittiu
o raciocínio, n'um instante!

Candido, meigo, como ellas,
n'um olhar as attrahia,
n'um beijo as tornava amigas,
e n'um sorriso as prendia...

Vidigueira—1893.

P. Sequeira.



A JOÃO DE DEUS

12-1-96

Clamores juvenis da tua apothese,
D'envolta co'o vozear da populaça,
Eu julgo ouvir lá fora
Como se fóra n'este mesmo instante,
Como se fóra agora.
E eis que o teu cortejo triste passa
Entre as alas do povo soluçante.
Oh! cruel metamorphoso!

Comparsas in'la os mesmos, e o scenario,
Contraste inextinguivel! mais brilhante.
(Seren e calmo o cen)
Não quiz o sol unir-se á juventude
N'quelle triumpho teu,
P'ra vir agora em galas, radiante.
Vencendo as negras tabuas do ataudê,
Dourar o teu sudário.

E assim devia ser p'ra quem vivêra
De flores e d'amores só cuidando.
Em justo festivo!
Prestou-lhe preito o sol da mocidade;
E, agora, em seu coval
Os raios, que o Sol ardente vem jorrando,
Em luz vão guiando á immensidade
Quem tanta luz nos dêra.

V.



A' SENTIDA MORTE DO EMINENTE POETA

JOÃO DE DEUS

«Alma gentil, que á firme eternidade
subiste clara e valerosamente,
cá durará de tí perpetuamente
a fama, a gloria, o nome e a amizade.»
Camões = Soneto CCXXIX.

Extinguiu-se de vez aquella alma dilecta
que tanto a patria honrou, como grande poeta
firmando o Genio e a Bondade:
João de Deus—a Idéa—o Pensamento novo,
que foi como que a gloria e proligio do povo,
o amor da mocidade.

Espirito fecundo, imenso e não vulgar,
jámais alguém, melhor do que elle, soube amar
por dever de condição,
em tudo com ardor—esses pequenos seres,
para quem escreveu de «Filhos» os «Deveres»,
dignos de consagração.

Alma nobre, e de mais aborta em peito amante,
no diffundir do bem—poderosa e gigante,
de virtuosa consola.
pois nunca pelo riso—a mesquinha vaidade
fez com que elle, esquecendo a boa Caridade,
fize-se alarme da esmola.

Grande pelo saber, pujante no talento,
á patria lega enorme um vasto monumento
todo feito de esplendores,
circundado por lemna, em que o Bello perfilha
como ridente aurora—a maternal «Cartilha»,
á luz do «Campo de flores».

E' por isso que hoje é profunda a dôr que opprime
do povo—o coração—que sabe, sente e exprime
o seu doloroso mal!
Que chora, lamentando, em estado inexoravel,
do seu maior poeta—a perda deploravel,
ou antes, nacional.

E se João de Deus, levado pela Morte,
nos deixa, luminoso um rasto como norte,
por grandesa transitória;
propagado e sublime—outro o nome seu,
para nós é o mesmo, e ainda não morreu:
porque, pertence á Historia.

E esta, saiba toda a gente, á voz da Fama,
é, a que de futuro e de orgulho proclama
o bom nome genial
dos que, sendo uma gloria e luz das gerações,
como João de Deus—deixam scintillações,
senão—saudade eternal!

13 de janeiro de 1896.

Antonio José Henriques.



A João de Deus

(Depois de ouvir Antonio Candido)

Poeta! no teu esquite luminoso,
Tiveste as honras de maior grandesa!
Abrin-te as portas do final r-pouso
A aguia da tribuna portugueza.

Palavras doiro, limpidas, vibrantes,
Cada uma das quaes, quando cahia
Nas tuas cinzas, inda palpitantes,
Era um beijo de luz e de harmonia.

Poeta, e só poeta! humilde e doce!
Foram teu funeraes, de um rei antigo!
A divina Eloquencia debruç'n-se
Abrindo as azas sobre o teu jazigo.

Foi dar-te a despedida derradeira,
Quem fora, d'outros tempos de mais fé,
Na tribuna sagrada outro Vieira,
No pulpito francez um Bossuet.

E viu-se, então,—scenário resplendente!
Quando entrava na luz do otiro dia.
Banhado nos clarões do sol poente,
A Eloquencia saudando a Poesia!

15 de janeiro.

Fernandes Costa.

João de Deus

Tinha vindo do ceu... E então cantou
tudo o que o mundo de mais bello e cerra...
Alma q'rita de Deus desce á terra,
dormiu, sonhou talvez... E ao ceu voltou.

Eduardo Pacheco.



Tudo de luto!
Que enorme dô!
Reina o terror!
Não brilha a auroral
Creanças se litam
Pranto sentido
P'ro mostre q'rido
Morrer agora.

Todas as flores
E os passarinhos,
Envolvidinhos
Em crepe veu,
Do soffrimento
Tocam na meta
Por o seu poeta
Fugir p'ra o ceu.

Acebo a dôr,
Haja alogria,
Co se a agonia
Fuja o pesar;
Por que o poeta,
Por o genio seu,
Inda no ceu
Ha-de cantar.

Caldas da Rainha, 12-1-96.

JOSÉ P. FERREIRA.



HOMENAGEM AO TALENTO

DO PRIMOROSO POETA LYRICO

JOÃO DE DEUS

SONETO

—Silencio: vae fallar o grande livro, a Historia:—

Um vulto colossal, um vulto magestade,
A' campã vae descer, subir á immensidade,
Deixando assignalado o nome por memoria:

D'aquelle que inda ha pouco alcançou a Victoria,
D'aquelle, a quem o povo, a bella mocidade,
Admira e rende culto, e chora de saudade
A morte de seu Mestre, immorredoura glorios.

D'aquelle alma pura e espirito fecundo,
Coração d'uma pomba, astro immenso do mundo,
O poeta do amor, e pobre sem braços!...

Dorme, João de Deus, dorme o somno do justo,
N'essa eterna mansão, n'esse silencio augusto,
Ao lado de Herculano, ao lado de Camões!

Lisboa, 14 de janeiro de 1896.

Domingos Pereira.



A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS

Paraphrase de um dos mais bellos so-
netos do suavissimo e chorado poeta.
Par quel amour jaloux, par quel cruel mystère
De tout ce qui l'ornait dépouilles tu la terre?
LAMARTINE.

Foi-se-nos, como um sonho, desfazendo
A luz que, para o bem, se illuminava,
Sob os raios da qual se nos mostrava
O bem que, para nós, vinha nascendo.

Se a luz se annueava... em se não vendo...
Logo o bem, para nós, se annueava;
Despontava ella, apenas despontava
O bem que, para nós, vinha correndo.

Luz filha da luz, radiante e pura
Como a luz do Sinai (se a não souharam...)
Quia voltar á do céu, que sempre dura!

Não se sabe se os anjos a levaram...
Nem sabia nunca a nossa desventura
Contar os que, chorando, cá ficaram!...

Mafra, 12-1-96

SEVERINO D'AZEVEDO.



Aos pés de João de Deus

Partiu-se a lyra de ouro, a lyra santa
cabihi das mãos ao lidim! cantor!
Quebrou-se a lyra mystica do Amor,
foi se o Poeta! as flores mais não cantal!...

O' corações! a magua, a pena é tanta,
commove tanto o peso d'esta dôr,
que eu creio que chore a terra e chore a flor
n'uma elegia real e sacrosanta!...

Morreu a lyra dos carmes divinas!
Venham as almas soltar lamentações,
venham todas carpir em funtos ais

Aquelle que lhos deu santas unções!
E unjam com pranto os olhos immortaes
de quem ungiu, cantando, os corações!

Adeus João de Deus! vate sagrado,
por quem a turba viva se incendeia...
Em vida foste Christo de uma Idéa,
e morres como os santos adorado!...

O teu genio era bello e sublimado,
tu tinhas a alma pura toda cheia
do perfume dos campos, de uma aldeia
devias ter sido o cura abençoado!

Choram tua morte as almas tristemente,
dizem-te adeus, e o pranto crystalino
irrompe n'esses olhos transparente ..

Adeus, candido Mestre peregrino,
que passaste na terra simplesmente
para mostrar a luz de um dom divino!...

Lisboa, 14 janeiro, 1896.

Dias d'Oliveira.

SONETO

A' morte de João de Deus, offereci-
do ao seu dedicado amigo
LIBANIO BAPTISTA FERREIRA

João de Deus! a cova onde descanças,
Quasi que chega a ser manção d'amores,
Qua ahí da gratidão capalham flores
Bandos fagueiros de gentis creanças!...

Passa da madrugada, ó brisas mansas,
Do santo sol de Deus passas, fulgores,
Beijando o mausoléu d'um dos cantores
Que ao seu paiz natal encheu d'esperanças!

João! fo-te dos bons!... gastaste a vida
Em favor dos pequenos, que têm fome
De luz para os guiar na humana lida!

Ah! se a lage fatal teu vulto some
Aos olhos da nação agradaçida,
A ensinar-nos a amar fica o teu nome!

J. I. Araujo.



Ha quasi um anno, foi a 8 de março, a mocidade
academica e com ella o pais inteiro, fez a João de
Deus a mais bella apothese que em vida se tem
feito entre nós a homens de talento. Essas homena-
gens em vida são privilegio dos poetas; tiveram-na
Victor Hugo, em França, Zorrilla em Hespanha; era
justo que a tivéssem em Portugal João de Deus.

Pagar-lhes em vida as dividas santas é prova de
que esses poetas, além de inspirados na grande arte
de cantar o am r, são tambem bons, generosos, jus-
tos! Taes honras só logram os que esvoaçam com
azas candidas, sem as crestarem nas chammas das
paixões.

Gomes da Silva.



NOTA

A redacção d'«O Povo Espozendense», em extre-
mo penhorada pela valiosa cooperação de todos os
exc. mos e valheiros que accederam amavelmente ao
seu convite, congratando-se n'esta singela homena-
gem ao eminente lyrico do CAMPO DE FLORES,
agradecê-lo distincto obsequio e consigna aqui a ex-
pressão sincera do seu profundo reconhecimento.

Silva Virira.
Alvaro Pinheiro.